

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Felipe Dias de Oliveira Silva

O Cotidiano na Estética de György Lukács

Juiz de Fora

2017

Felipe Dias de Oliveira Silva

O cotidiano na Estética de György Lukács

Trabalho de conclusão de Graduação em Licenciatura em História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, a ser submetido à leitura crítica e avaliação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sonia Regina Miranda

Juiz de Fora

2017

AGRADECIMENTOS

Registro aqui meu agradecimento a Andréa, minha mãe, exemplo de persistência, coragem e determinação, sem a qual nada disso seria possível. Seu testemunho tanto como pessoa quanto como profissional em sua área inspirou-me na realização deste trabalho.

Agradeço também a Cyntia, minha companheira fiel que me inspira a seguir em frente e não desanimar. Pude contar também com a argúcia de seu pensamento e na sua disposição em debater, pensar e interpretar a obra de Lukács de maneira mais humana, sensível e profunda. Sem sua contribuição este trabalho não seria possível.

Ao companheiro e grande amigo Carlos Henrique, capaz de proporcionar a melhor filosofia de boteco que existe em Juiz de Fora. Foi em uma dessas noites em algum bar que, através dele, tive contato com a obra de Lukács. Sem seu apoio e suas contribuições para pensar a realidade brasileira de maneira diferente, menos dicotômica, mais complexa e específica, com certeza meu mundo seria muito menor.

Minha gratidão também fica para Daniela e Sonia. Professoras, no melhor sentido que a palavra pode oferecer. Foram elas que me abriram as portas para o campo da Educação de maneira crítica e sensível. Também com elas aprendi a pesquisar e, pouco a pouco, permitiram que também eu construísse minha autonomia. Mas o principal foi que me formaram para além da faculdade. Suas contribuições cristalizaram-se em minha vida.

O Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação, o Grupo Cronos, o Centro Acadêmico de História, a União da Juventude Comunista, o Partido Comunista Brasileiro, o Movimento Correnteza, a União da Juventude Rebelião, o Partido Comunista Revolucionário, a Unidade Popular pelo Socialismo. Sou um pouquinho de cada uma dessas instituições pelas quais transitei em Juiz de Fora. Agradeço a todos e todas que dão vida a estes espaços. Verdadeiros oásis em um deserto de obscurantismo que nos cerca.

*(...)A ideia lá comia solta
Subia a manga amarrotada social
No calor alumínio nem caneta nem papel
Uma ideia fugia
Era o rodo cotidiano
Espaço é curto quase um curral
Na mochila amassada uma quentinha abafada
Meu troco é pouco, é quase nada
Não se anda por onde gosta
Mas por aqui não tem jeito, todo mundo se encosta
Ela some é lá no ralo de gente
Ela é linda mas não tem nome
É comum e é normal
Sou mais um no Brasil da Central
Da minhoca de metal que corta as ruas
Da minhoca de metal (...)
O Rappa - Rodo Cotidiano*

*Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilónia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.*

*O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?*

*Em cada página uma vitória.
Quem cozinhava os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?*

*Tantas histórias
Quantas perguntas*

Bertold Brecht - Perguntas de um Operário Letrado

RESUMO

Para escrever este trabalho, partimos da concepção de que uma monografia precisa, além de investigar especificamente o objeto proposto, conter também alguma espécie de síntese do caminho trilhado durante a graduação. É assim que o trabalho começa, partindo da pergunta: Como se constrói o cotidiano na obra tardia de György Lukács? Para respondê-la, buscamos entender também o movimento realizado pelo pesquisador até entrar em contato com o autor estudado, trazendo como pano de fundo a discussão do papel das utopias na formação docente. Além disso, a monografia também intenta tratar o cotidiano na *Estética* através de uma observação mais ampla da vida do autor e suas produções anteriores buscando perceber de que maneira estes elementos se constituem também como fontes capazes de fornecer um olhar mais rico sobre o cotidiano. Por fim, o cotidiano na obra tardia de Lukács é trazido ao texto de maneira analítica, com o objetivo de perceber as conexões internas presentes no pensamento do autor e como o tema se torna relevante para ele. Tentamos, também, apresentar caminhos passíveis de ser trilhados à luz das contribuições trazidas nesta monografia.

Palavras-chave: György Lukács; cotidiano; narrativas.

ÍNDICE

1.Introdução	7
2.Raízes	9
3.Vida e obra	17
4.O Cotidiano na Estética	34
5.Considerações Finais	50
6.Referências Bibliográficas	53

1. Introdução

As epígrafes selecionadas um pouco acima para compor o trabalho trazem, de maneira poética, as inquietações que me levaram a realizá-lo.

Na música da banda O Rappa, aparecem flashes componentes da vida contemporânea da maioria dos trabalhadores brasileiros. A correria imposta pela jornada de trabalho, a precariedade dos transportes, a dificuldade logística da alimentação. Todas estas lutas cotidianas, muitas vezes tomadas como insignificantes, fornecem os elementos principais da formação desses sujeitos. A maneira como resolvemos os pequenos problemas do dia a dia é justamente aquela que fornece os elementos necessários para a possibilidade de se ler o mundo de maneira nova, original, subversiva. Entretanto, como podemos perceber, a música narra também a fuga de uma ideia. Como lidar com isso? Como um espaço tão fundamental na constituição de nossas vidas pode se tornar, ao mesmo tempo, um espaço em que nossas objetivações aparecem de maneira *estranhada*?

Brecht nas *Perguntas de um Operário Letrado*, por outro lado, traz um olhar problematizador e inquieto sobre a História. As perguntas realizadas pelo operário remontam muito bem o ponto de vista de classe, oriundo do cotidiano daquele que trabalha, necessário, dialeticamente, para a realização delas. Entretanto, não nos esqueçamos do título: o operário inquieto que problematiza é um operário letrado. Será que, de alguma forma, os processos formativos pelos quais passamos durante a vida são capazes de fornecer os elementos necessários para que, a partir de nossa individualidade, do mundo que nos cerca, dos eventos corriqueiros, sejamos capazes de ler o mundo de maneira nova?

Não pretendo responder a nenhuma destas perguntas. Elas estão aqui para abrir o apetite do leitor para as reflexões que virão.

No primeiro capítulo essas inquietações apresentam-se na medida em que minha trajetória pessoal até o encontro com o objeto de pesquisa do trabalho é narrado. Apesar dos elementos selecionados ganharem coesão através de um discurso muito parecido com o que Larrosa chama de *o clichê da autoconsciência*, o objetivo da construção do capítulo

reside precisamente em demonstrar como as experiências pessoais pelas quais passei, os modos encontrados por mim para resolver determinados problemas que foram aparecendo na vida e os sujeitos nela transeuntes forneceram os elementos-chave para a possibilidade de enxergar o cotidiano como um problema de pesquisa. Além disso, o fio condutor da narrativa é o percurso trilhado durante a graduação de Licenciatura em História observado através da chave da presença de utopias político-educacionais na formação docente, elemento investigado por Pacievitch (2010) em sua tese de doutoramento e em diversos artigos publicados posteriormente.

Em *Vida e Obra*, Lukács é apresentado ao leitor através de uma reconstrução narrativa que observa a trajetória de vida de um sujeito como fonte. As fontes, como sabemos, não falam sozinhas. Elas respondem para nós o que perguntamos a elas. Por consequência, objetivamos no capítulo enxergar como, através de rupturas e continuidades, o autor estudado foi desenvolvendo um pensamento próprio, original, em que o cotidiano ocupa uma posição de preponderância em sua obra tardia. Através da vida, o contexto histórico de produção de suas obras também se desdobra tanto em uma perspectiva macro ao observarmos os afetamentos causados pelas barbáries de duas Grandes Guerras e do totalitarismo stalinista; quanto em uma perspectiva micro pois, a maneira como os acontecimentos são subjetivados por um indivíduo é, conforme veremos, única, *singular*. Neste sentido, as respostas que Lukács dá aos problemas que aparecem em sua vida, à constituição de relações com amigos, professores e discípulos também nos ajuda a perceber como os valores, os posicionamentos e as decisões de um pesquisador se fazem profundamente presentes em seus movimentos de pesquisa.

No terceiro capítulo, o debate realizado por Lukács sobre o cotidiano no primeiro tomo de sua *Estética* é apartado da totalidade de suas obras remontada em *Vida e obra* para ser analisado através de um elemento chave: a coerência interna presente no texto. Não foi fácil. A ausência de traduções do texto que nos serviu de fonte em português levou-nos a recorrer à sua versão em espanhol, publicada em 1966 pela editora Grijalbo. Acreditamos que, apesar da dificuldade, a teoria exposta e analisada em *O cotidiano na Estética* carrega elementos que ajudam a perceber as diferenças e semelhanças na percepção do cotidiano para Lukács, um dos pioneiros no estudo sobre o tema, e as concepções contemporâneas que tomam este mesmo objeto como categoria de análise. Além disso, buscamos nesta

parte da escrita do trabalho também chamar a atenção do leitor para a riqueza e complexidade das análises de Lukács, autor ainda muito pouco estudado no Brasil.

Nas considerações finais trazemos os caminhos que podem ser abertos e investigados através das contribuições trazidas no texto deste trabalho. Certamente, as alternativas e potencialidades existem em maior possibilidade do que aquelas que estão presentes no texto. Portanto, as considerações finais também funcionam como um convite ao leitor de mergulhar sem ressalvas na obra de Lukács e também realizar suas próprias interpretações.

2. Raízes

“Todo mundo tem um professor de inesquecível”; “Por que se tornar professor?” Questionamentos como estes começaram a fazer sentido e carregarem-se de significados na medida em que mergulhei nas disciplinas referentes ao Ensino de História durante o período da graduação.

Realizar este retrospecto em um trabalho monográfico que objetiva entender o cotidiano a partir da obra tardia de György Lukács justifica-se na medida em que percebemos também a necessidade da execução de seleções, escolhas e recortes no decorrer de uma investigação científica. Acreditamos, com Löwy¹, que as visões sociais de mundo internalizadas pelos sujeitos que pesquisam se tornam partes constitutivas da pesquisa. O campo de possibilidades de produção de conhecimento por um indivíduo está intimamente ligado à *maneira de pensar* correspondente à classe, à cultura que ele representa. Sendo assim, delimitar um determinado objeto de estudo implica também em reconhecer, por parte do pesquisador, os anseios e necessidades que levaram à construção do olhar acerca de um determinado objeto como problema, passível de ser explorado.

Neste cenário, traçar as relações existentes entre pesquisador e objeto caminham correlatamente aos anseios responsáveis pela minha escolha de profissionalização como professor de História. Em ambos os movimentos, uma linha em comum se fez presente durante todo o percurso da graduação: o empenho na busca por entender, pelo menos um pouco, o atual estado de coisas, porque vivemos da maneira que vivemos, nossas condições e

¹ Löwy, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2015.

possibilidades; isso aliado a uma profunda vontade de transformação. Quero chamar a atenção do leitor aqui para a possibilidade de interpretar estas conexões como elementos inextricáveis, constituintes do meu eu que decide ser professor de História e também escolhe por pesquisar o cotidiano na obra de um filósofo Húngaro ainda pouco conhecido. As relações tecidas entre minhas escolhas profissionais, políticas e pessoais terminam em uma cama de gato que as tornam praticamente indiferenciáveis na medida em que fazem parte do meu processo de formação.

Não cabe aqui a busca por elencar a totalidade delas, até porque uma ideia de reconstituição “objetiva” de memórias não soa como o melhor caminho a seguir. Como, neste trabalho, ficou decidido estudar um autor em sua especificidade, me permito a inspiração em um de seus escritos sobre estética². Para Lukács, em uma narrativa o que importa são as situações *típicas*, ou seja, aquelas que exprimem as máximas possibilidades de um acontecimento. E este traço, de acordo com o autor, não é captado através da mera reprodução dos detalhes da vida, mas sim pela busca em capturar a essencialidade que os permeia.

Portanto, a melhor maneira de cumprir com o objetivo aqui proposto, traçando um posicionamento entre o autor em sua relação com seu objeto de pesquisa, parte da tentativa de elencar algum *tipo* de elemento comum às decisões que aqui serão narradas. Ao pensar em uma espécie de memorial, movimento preliminar à construção deste texto, foi possível perceber a existência de um fio condutor presente nos acontecimentos: a *vontade* transbordante de transformação e utopia³, regida por um cuidado perene fortalecido na medida em que todos estes elementos passam a andar juntos.

Entretanto, a intenção da narrativa construída no capítulo não é a perceber as transformações e questionamentos pelos quais passei em minha graduação isolados dentro de um contexto mais amplo de formação de professores. A constituição de relações entre a

² LUKÁCS, György. Introdução a uma estética marxista; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

³ O conceito de utopia é adotado aqui no sentido proposto por Ernst Bloch como ideias e doutrinas “transcendentes”, capazes de exprimir uma força subversiva dotada de um efeito transformador no que tange a ordem social vigente. Aqui, a História ocupa um papel fundamental em virtude da concepção de que, apenas com a percepção das *insuficiências* de uma determinada temporalidade a utopia concreta é criada.

presença de utopias político-educacionais⁴ e a formação de professores de História remonta neste texto um elemento necessário ao próprio campo: a percepção de que a consciência histórica exerce um papel transformador na sociedade. Desta forma, reconstituir esta narrativa nos ajuda a perceber a tessitura das relações entre sujeitos e a profissão docente em um contexto maior, em sua tipicidade, contribuindo também para a discussão sobre a possibilidade ou não da existência de um caráter neutro nas relações de aprender, ensinar e pesquisar.

Dentro desta lógica, iniciando e contribuindo com esta discussão, Caroline Pacievitch (2014) reflete sobre a presença de utopias político-educacionais na formação de professores de História/Ciências Sociais ao investigar diferentes teses sobre a formação docente nestas duas áreas em Barcelona e no estado de São Paulo.

A autora nota que pouco ainda se sabe de maneira sistematizada sobre quais são os saberes necessários à docência. Tal fato faz com que transborde a necessidade de se investigar os aspectos ideológicos tangentes à formação de professores. Neste sentido, Pacievitch também percebe em diversos discursos a atribuição de sentido ao “ser professor” vinculado a argumentos que envolvem diferentes visões sociais de mundo.

Todavia, o tema não se esgota na política em sua forma partidária ou militante. Em outro estudo⁵, a autora ratifica que a construção de visões de mundo por parte do professor e a orientação de seu trabalho a partir delas não necessariamente o vincula a partidos políticos ou movimentos sociais. Ao buscar trazer mais complexidade à pesquisa envolvendo o conceito de utopia, Pacievitch percebe que o cerne da pesquisa não vincula-se às relações estabelecidas entre os professores e a política, mas sim à construção, por parte destes sujeitos, de projeções de mudança e de futuro.

Em suas considerações finais, a autora percebe que, apesar da heterogeneidade

entre utopias progressistas e reacionárias, entre o revolucionário e o reflexivo, talvez os pontos em comum entre essas nove teses sejam o

⁴ PACIEVITCH, Caroline. Utopia e responsabilidade docente: formação de professores de História. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos (Colombia)**, vol 10, num 1, enero-junio, 2014, p. 87-112. Universidad de Caldas Manizales, Colombia.

⁵ PACIEVITCH, C; CERRI, L. F. Guerrilheiros ou sacerdotes? Professores de história, consciência histórica e construção de identidades. *Pró-posições*, vol 21, num 2(62), 2010, p. 163-183. Campinas.

respeito às futuras gerações, o cuidado com o passado crítico, a preservação de certas tradições, o interesse coletivo e a figura de autoridade (democrática) do professor de História. (Pacievitch, 2014, p. 107)

De acordo com a autora, o uso de termos como transformação e compromisso dirigidos à forma de se ensinar História presente nas teses dos autores analisados chamam a atenção pelo seguinte ponto: “o ensino de História melhora quando os professores são formados para tomar decisões críticas e refletidas sobre a prática” (Pacievitch, 2014, p. 108).

Assim sendo, aparecem nas teses diferentes formulações de projetos de futuro, utopias, em que a formação dos professores é uma ferramenta capaz de mudar, ao menos, seu entorno. A perspectiva transformadora é carregada sempre pelo atributo da esperança, em que

O professor de História, por um lado, é responsável por ensinar o passado de forma atraente e crítica às futuras gerações. Por outro, somente realizará esta tarefa se for preparado para a reflexão e compromisso com a profissão. Faz sentido, portanto, afirmar que existem relações entre a formação e as utopias político-educacionais. (Pacievitch, 2014, p. 109)

Desta maneira, a autora aproxima estas concepções utópicas presentes na formação de professores à tese de Hannah Arendt do *amor mundi*, enunciada em “A crise da educação” (2009). Apesar das teses analisadas pela autora não utilizarem este termo, a enunciação de utopias político-educacionais podem ser percebidas como o elemento capaz de trazer, na responsabilidade docente, a consciência de se ensinar história para que os jovens possam construir seu próprio futuro.

Antes de retomar minha narrativa pessoal no intuito de situar a presença da utopia político-educacional na decisão teórica de investigar o cotidiano na obra de Lukács, é importante nos determos um instante sobre o conceito de *amor mundi* por sua vez intimamente ligado, na obra de Arendt, à modernidade, política e educação.

Nesta acepção, César e Duarte (2010) argumentam que a discussão da crise contemporânea na educação para Arendt insere-se em sua discussão sobre a condição humana e a crise política advinda da modernidade. A condição humana da natalidade como essência

da educação é suscitada no sentido de que cada nascimento humano constitui um início único, relacionado também com a potência de um novo início no mundo.

Para pensar isso, é preciso levar em conta o conceito de Natalidade como raiz ontológica da ação para a autora e o mundo como uma categoria que se distingue da terra. O mundo deve ser entendido como uma construção humana, constituído pelo acúmulo historicamente produzido capaz de permitir a humanidade se colocar em constante relação sem deixar perceber os sujeitos simultaneamente separados.

Portanto, a tarefa da educação parte justamente dos esforços em incluir os recém chegados a um mundo que não foi por eles construído, mas encontrado em permanente transformação. Como efeito, a relação humana com o mundo a partir da educação deve ser percebido não como um conjunto de regras prescritas e imutáveis, fórmulas mágicas capazes de educar a tudo e a todos da mesma maneira, mas sim como uma relação de mediação que nunca está dada e possui apenas como permanência o seu constante devir de reconfiguração a cada vez que um novo sujeito precisa ser incluído no mundo. “Por isso, a educação não pode jamais ser entendida como algo dado e pronto, acabado, mas tem de ser continuamente repensada em função das transformações do mundo no qual vem à luz novos seres humanos.” (César e Duarte, 2010, p. 826.)

Desta forma, é possível perceber que na relação estabelecida através da educação, é preciso também pensar na responsabilidade pelo mundo necessária de ser assumida em virtude da instabilidade e novidade trazidas pelo Milagre⁶ da natalidade. Esta responsabilidade pelo mundo, o *amor mundi*, carrega o sentido de “contribuir para que o conjunto de instituições políticas e leis que nos foram legados não seja continuamente transformado ou destruído ao sabor das circunstâncias e dos interesses privados e imediatos de alguns poucos.” (César e Duarte, 2010, p. 826)

Para a autora, a educação cumpre também este papel de conservação do mundo em suas instituições já consolidadas ao apresentar para os novos sujeitos presentes nele as estruturas e instituições que constituem a esfera na qual vivemos. Como consequência, a educação assume, de acordo com Arendt, uma posição política, não em seu sentido estrito, mas através da potência contida no cuidado com o mundo - e aqui não podemos perder de

⁶ Hannah Arendt entende como ressignifica o novo a partir do milagre no sentido de que cada fato acontecido é único e, portanto, irrepetível.

vista a atribuição de sentidos que a autora dá a esta palavra - que, para ser transformado necessita, dialeticamente, estar sujeito à conservação de sua própria existência político ao empenhar-se no papel da formação para o cultivo e o cuidado para com o mundo que, para ser transformado, precisa estar sujeito à conservação.

Esclarecidos alguns pontos iniciais, posso dizer que minha relação com a obra de György Lukács começa a partir da política partidária. Em um período que coincide mais ou menos com o início da minha graduação, ingresso nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro, o PCB. De início, nosso círculo de militância era pequeno e limitado. As ações que engendrávamos normalmente se davam em consonância com outras organizações e movimentos sociais de esquerda. No entanto, com a polarização política e a crise de representatividade que começamos a sentir em 2015, o número de militantes começou a crescer exponencialmente, juntamente com a cooptação de vários outros futuros professores em diferentes licenciaturas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Em virtude disso, em um curto período de tempo e sem formação necessária logo alcancei o posto de secretário político - um certo tipo de dirigente de acordo com os princípios leninistas - no núcleo em que participava. Transformar um ex-seminarista⁷ em dirigente comunista não foi tarefa fácil. Como transformar o mundo implica necessariamente em conhecê-lo, passamos logo a estudar os clássicos que fundamentaram nossa visão social de mundo através de várias diferentes tentativas de criação de grupos de estudo. Começamos com o tripé da organização: Marx, Engels e Lênin.

Concomitantemente a isso minha primeira experiência de pesquisa, em uma iniciação científica que buscava entender as políticas de formação continuada de professores do estado de Minas Gerais passou a requerer um aprofundamento teórico cada vez maior. Neste sentido passamos, em nosso grupo de pesquisa, a estudar o principal referencial teórico que nos norteava: Antonio Gramsci. Podemos considerar este momento como um marco em minha aproximação com Lukács e o trabalho atual por duas razões principais.

⁷ Apesar de não me debruçar neste aspecto na narrativa presente no texto principal deste trabalho, é importante notar aqui a presença, mesmo que latente, da busca pela utopia. Desta vez, ela aparece relacionada com o messianismo presente em Ernst Bloch. A dinâmica deste momento é imbricada pela ontologia do “ainda-não-consciente”. Bloch concebe a tomada de consciência como um processo que parte da latência da pré-consciência do novo em cada indivíduo.

A primeira delas diz respeito à novidade do acontecimento. Anteriormente a este momento, parecia inconcebível a apropriação teórica de referenciais utilizados para justificar determinadas posturas militantes em um espaço de pesquisa. O movimento de estudos, no entanto, demonstrou a complexidade e a riqueza de se enxergar um determinado referencial como fonte que, como Marc Bloch (2001) defende, pode responder a diversas perguntas na medida em que mobilizamos novos olhares e inquietações para elas.

A outra, por sua vez, se dá no momento em que passo a estabelecer relações entre a obra de Antonio Gramsci e a supressão dela dentro do movimento comunista como fruto do stalinismo. A partir daqui, os olhares debruçados sobre a institucionalidade partidária e o anseio pela ditadura do proletariado sensibilizam-se no que diz respeito a todos os sujeitos que foram deliberadamente ou não excluídos e esquecidos deste processo. Minha relação com a institucionalidade partidária começa a alterar-se profundamente a partir de então e a busca pela transformação abrupta, violenta e radical da sociedade começa a dar lugar, pouco a pouco, ao *amor mundi*, à ética e ao acúmulo de diferentes visões sociais de mundo produzidas historicamente confrontantes no presente com empatia.

Inquieto com, por um lado, a incapacidade do partido de “atingir as massas” e, por outro, com a velada continuidade de tradições de caráter autoritário dentro de uma organização auto designada como revolucionária passo a buscar, a partir de então, a resposta para uma pergunta: Por que perdemos?

Aqui podemos delimitar outro ponto nodal em meu percurso. A pergunta levantada no parágrafo anterior, compartilhada com outros dirigentes da organização rapidamente me deslocou da zona em que estava situado. Neste momento, conheci a revista Verinotio. Uma revista acadêmica online de filosofia e ciências humanas cuja busca no google logo remete a um artigo intitulado “Lukács e o stalinismo”, de Nicolas Tertulian. Percorrendo suas páginas, uma luz no fim do túnel apareceu: apesar de tudo, ainda é possível ser comunista. Entretanto, para isso a primeira coisa que deveríamos pensar é em abandonar qualquer resquício de autoritarismo.

A utopia aparece novamente, desta vez em seu caráter regenerador, carregada da esperança tal qual descreve Sousa a partir da interpretação de Ernst Bloch:

a utopia torna-se um elemento da atividade humana orientada para o futuro, um *topos* da consciência antecipadora e força ativa dos sonhos

diurnos. Esse topos utópico é possível pelo fato de que o mundo não é um lugar fechado, ou processo acabado, porque possui horizonte aberto e cheio de possibilidades “ainda-não” realizado. (Souza, 2012, p.6)

Aproximei-me ainda mais de Lukács quando descobri um professor⁸ que escreve para a revista *Verinotio* e ainda por cima é responsável técnico das traduções de Lukács pela editora Boitempo no Brasil. Logo fui assistir a um tópico cujo objetivo situava-se no esmiuçamento da principal obra do autor: *A Ontologia do ser social II*. E aqui me surpreendo. Muito mais do que marxismo, o que estávamos discutindo era filosofia e a aposta de que, apesar de todos os pesares, o ser social ainda poderia ser capaz de tornar-se demiurgo de si mesmo. O amor pela revolução transformou-se em uma atitude muito mais resiliente, perene e esperançosa: o amor à humanidade.

Mais uma vez um professor me tocou durante minha trajetória até aqui. Entretanto, agora já era diferente. Embora em constante devir, o amadurecimento adquirido até então levou-me a perceber a importância das implicações pessoais dos sujeitos nos processos educativos e, além disso, percebi que seja para ser professor ou realizar uma pesquisa, não é necessário - assim como é impossível - apartar-se de si mesmo para dar lugar a outra *persona*, neutra, imparcial, insensível.

Desta forma minha atenção recaiu sobre os sujeitos e a infinitude de possibilidades passíveis de ser realizadas no constante tornar-se de cada vida humana. Sobre os sujeitos, em Lukács, detive-me na discussão suscitada pelo autor na introdução à sua *Estética* acerca das dicotomias entre singular e universal, indivíduo e gênero, forma e conteúdo. Ao fim e ao cabo, estas concepções abstratas, de acordo com o autor, acabam tomando forma apenas em nossa mente mas, na realidade, as irrupções das manifestações humanas em sua historicidade contém dialeticamente a presença simbiótica e necessária de todas as dicotomias criadas para fins analíticos.

Dentro do fazer-se humano historicamente, já havia percebido a atenção dada por diversos autores a formas “nobres” de objetivação das intencionalidades do ser, a saber: a ciência e a arte. Entretanto, Lukács traz um elemento inusitado em sua época: a percepção de

⁸ Ronaldo Vielmi Fortes, professor adjunto da faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

que, por mais complexas que se tornem as maneiras do ser social relacionar-se consigo mesmo, com os outros e com o mundo, através das maneiras mais abstratas de arte e ciência, todas as perguntas que formulamos, os desafios que encontramos acabam partindo, em última instância e ao menos por um longo período da história da humanidade⁹, do cotidiano, daquilo que é comum, corriqueiro e que muitas vezes “passa batido” aos olhos do pesquisador, mas ainda assim capaz de significar e ressignificar constantemente o modo do ser se conceber historicamente no mundo.

3. Vida e Obra

A princípio, o nome do capítulo havia me soado um pouco clichê. Entretanto, ao me debruçar sobre a coerência interna presente entre os textos de Lukács e sua vida, logo percebi que não poderia haver um título melhor. Em sua trajetória acreditamos, juntamente com Netto¹⁰, que podemos perceber uma grande coerência entre o vivido e o pensado, vinculando profundamente os acontecimentos de sua *vida* e as reflexões contidas em sua *obra*. Além disso, o cotidiano aparece em Lukács principalmente em sua *Estética*, uma obra que se posiciona no apogeu das produções lukacsianas que, apesar de trazer elementos novos, os problemas lá abordados estão presentes em pensamentos debatidos pelo autor desde a época de sua juventude.

Ora, investigar o cotidiano em sua obra implica em perceber, também, como esta temática se tornou relevante para o autor, qual o contexto de produção de suas obras e quais as propostas, em termos gerais, Lukács defendia? Defendemos no primeiro capítulo o pensamento de que uma pergunta de pesquisa, um tema a ser delimitado parte de uma decisão do pesquisador, de seleções e recortes metodológicos realizados arbitrariamente. Estes, por sua vez, se apoiam em uma determinada *visão social de mundo*¹¹. Decidimos neste capítulo, portanto, manter este fio condutor para investigar as relações tecidas entre os diferentes

⁹ As relações entre arte, ciência e cotidiano serão discutidas nos capítulos posteriores deste trabalho. Entretanto, é importante salientar aqui que, apesar de partir do cotidiano, arte e ciência tornam-se formas autônomas de objetivação do ser social em algum momento do desenvolvimento histórico.

¹⁰ NETTO, José Paulo. Lukács: o Guerreiro sem Repouso. Editora Brasiliense. São Paulo, 1984, p. 83.

¹¹ Löwy, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2015, p. 24.

momentos da obra de Lukács e a constituição do autor como sujeito pesquisador que se posiciona, que repensa a teoria através da prova dela pela prática, que se constitui historicamente através das múltiplas mediações da realidade material na constituição do sujeito. Podemos aplicar também esta reflexão para investigar uma determinada obra, produzida por um sujeito em um contexto histórico.

Para realizar este trabalho com as fontes biográficas encontradas, nos apoiamos na perspectiva de Bloch contida em *Apologia da história*¹². Apesar de uma primeira edição realizada em 1949 por Lucien Febvre, a obra ganha ainda mais riqueza quando, em 1990, Etienne Bloch recebe os escritos do pai. De acordo com o filho, Marc Bloch pensava em escrever tal livro tendo como destinatário o grande público e preocupando-se em explicar como e por que razão trabalha um historiador.

Em relação ao ofício do historiador, Bloch entende que este tem início na consciência do fato histórico enquanto produto da sua construção. Contrapondo-se à noção de uma história cronológica e factual, o autor recorre à noção de testemunho, o qual deve ser submetido à análise do historiador, consciente de que ele próprio também é “filho de uma época”. Só a partir daí um determinado acontecimento ou processo pode ser estudado dentro do espectro da história como problema.

Apoiados por esta concepção buscamos, além de tecer relações entre a vida do autor e sua obra e, mais precisamente, o contexto histórico da redação da *Estética*, bem como suas finalidades para com ela, perceber também a trajetória de Lukács ao longo do século XX como um verdadeiro *problema* dentro do pensamento ocidental. Podemos identificar tal caráter em nosso objeto de pesquisa através de três diferentes eixos.

De acordo com Netto¹³, ao longo de um trabalho de mais de seis décadas, sua obra situa-se entre as mais volumosas elaborações individuais do mundo moderno. Além disso, sua diversidade e riqueza são os elementos que mais chamam a atenção. Ao longo de sua vasta produção, Lukács caminha pelos principais questionamentos que são feitos pelo homem contemporâneo quando história e cultura se tornam eixos transversais. Justamente por sua amplitude, a reflexão estruturada por Lukács traz a tona problemas que nem sempre são solucionados por inteiro. Este caráter - presente principalmente em suas obras de maturidade -

¹² BLOCH, Marc Leopold Benjamin, **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

¹³ Ibidem. p, 7.

de uma obra aberta nos ajuda a trazer novas interpretações acerca de problemas epistemológicos contemporâneos que nos rodeiam. Um exemplo disso é o caso do fechamento da exposição *Queermuseu* pelo Santander Cultural¹⁴ e sua relação com o crescimento da visão de mundo conservadora, fatalista, hegemônica em nossa sociedade.

Além da diversidade e riqueza, em virtude do desenvolvimento do pensamento de Lukács ao longo do tempo, os delineamentos de sua obra se fazem através de múltiplas contradições e rupturas, gerando grandes divergências nas análises do percurso realizado pelo autor como, por exemplo, a discussão sobre sua relação com o stalinismo¹⁵ em que, para alguns, o autor é acusado de revisionista, de ter inventado o conceito de stalinismo enquanto, para outros, Lukács se posicionava como um intérprete das teses de Stalin. Entendendo a possibilidade de múltiplas interpretações sobre fontes históricas e a constituição das mesmas, em consequência da multiplicidade de discursos, como um espaço de disputas entre diferentes narrativas, a discussão sobre a trajetória política e intelectual do autor precisa continuar sendo constantemente interpretada, permitindo-nos uma visão mais ampla, através de múltiplos pontos de vista, sobre os acontecimentos que interpelaram sua vida.

O terceiro eixo, mas não menos importante, repousa no reflexo das circunstâncias biográficas do autor nas avaliações e críticas posteriores de seu trabalho. As diversas campanhas de descrédito ideológico, os momentos na prisão, os múltiplos exílios levaram o autor a permanecer “sempre um *outsider*, às vezes incompreendido, às vezes com seu pensamento intencionalmente deformado por não pouco detratores (...) Lukács raramente recebeu de seus interlocutores um tratamento equilibrado; na verdade, o julgamento crítico reservou-lhe mais ataques e defesas emocionais que operações de análise.” (NETTO, 1984, p. 9). Portanto, perceber a biografia do autor à luz também de seus intérpretes posteriores nos ajuda, também, a perceber as intencionalidades, os posicionamentos, as decisões que levaram o pensamento do autor e sua vida a tão múltiplas interpretações. Um exemplo disso situado em nosso país é o debate sobre a tese - ou a ausência dela - da centralidade do trabalho para

¹⁴ Visto em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acessado em: 09/11/2017.

¹⁵ TERTULIAN, Nicolas. Lukács e o Stalinismo. Verinotio. Revista Online de Educação e Ciências Humanas. n° 7, ano IV, novembro de 2007. Periodicidade semestral. p. 1-40.

Lukács, empreendido por um lado por pesquisadores vinculados ao Instituto Lukács¹⁶ e, por outro, por autores que escrevem para a Revista Verinotio, que publicou um dossiê intitulado (des)centralidade do trabalho¹⁷.

Justamente pela opção de considerar o pensamento do autor em relação com sua vida como um *problema* encontramos, nesta etapa da pesquisa, duas dificuldades importantes de serem elencadas.

A primeira delas diz respeito ao desafio em acessar fontes biográficas e autobiográficas sobre o autor. A preocupação de Lukács em esboçar uma autobiografia está presente apenas no final de sua vida e é publicada por seus discípulos no livro *Conversando com Lukács*. Entretanto, muitas informações biográficas sobre o autor encontram-se em informações e depoimentos de ex-alunos em língua alemã, inacessível até então para mim. Para tanto, utilizamos, além de *Conversando com Lukács*, escritos biográficos de Lukács produzidos por outros autores como Netto, em *Lukács o guerreiro sem repouso*; Tertulian, em *Lukács e o Stalinismo*. Além disso, recorremos também a uma entrevista com György Lukács por Perry Anderson¹⁸ e uma série de palestras organizadas pela editora Boitempo - atual editora dos livros do autor no Brasil -, que mobilizou diversos pesquisadores lukacsianos brasileiros e ficou denominada como Curso *Livre György Lukács*¹⁹.

A segunda diz respeito justamente a uma síntese entre a dificuldade, por um lado, inclusive em razão da língua, de acesso a um número mais heterogêneo de fontes e depoimentos biográficos sobre Lukács e, por outro, a multiplicidade de interpretações sobre a qual falamos antes que repousa em sua obra. Este elemento sintético, particular, levou a uma construção característica deste texto que, ao tocar em elementos que existam múltiplas interpretações, empenha em realizar um balanço historiográfico sobre as correntes teóricas colocadas em choque.

¹⁶ Visto em: <http://institutolukacs.blogspot.com.br/2015/11/resenha-conversando-com-lukacs.html>. Acessado em: 09/11/2017.

¹⁷ Visto em: <http://www.verinotio.org/revistas.php?revista=22>. Acessado em: 09/11/2017.

¹⁸ Visto em: <https://lavrpalavra.com/2016/05/19/entrevista-com-gyorgy-lukacs-por-perry-anderson/>. Acessado em: 09/11/2017

¹⁹ Visto em: www.youtube.com/watch?v=AiksYs_DNuo&list=PLHiE8QPap5vQVG1X3S0HnMNVxT2G77SJh. Acessado em: 09/11/2017.

Um outro ponto importante de se ter em mente é um dos elementos-chave da construção desta monografia: a constatação do caráter *formador da utopia*²⁰. Neste sentido, apesar de sua descendência vir de uma família de judeus enobrecidos - em sua juventude, o autor adotava o nome György von Lukács, preposição que indicava origem nobre - o ponto de partida de sua trajetória intelectual vem da recusa em face do modo de viver e pensar que o capitalismo impôs sobre a sociedade húngara muito influenciada, no início do século XX, por Viena.

Seu caminho começa a ser trilhado em 1902 como crítico teatral e, como não encontra respaldo de sua recusa ao modo de vida burguês nas fileiras de operários em Budapeste, logo se recolhe a círculos de intelectuais contestadores do regime que pouco incidiam na vida política do país. Entretanto, sem demora Lukács percebe que também neles não encontra nenhuma ressonância para suas inquietações. Como consequência disso, o autor desenvolve uma visão de que a intervenção política por si só é insuficiente. Se a revolução é necessária é também, ao mesmo tempo, impossível. Por consequência, Lukács permanece marginalizado dentro dos movimentos políticos na Hungria na primeira década do século XX.

Em virtude disso e influenciado pela poesia lírica de Endre Ady, o autor passa este primeiro momento refém de um sentimento de impotência desesperada e, como consequência, busca refúgio na análise das formas culturais²¹. Neste movimento, Lukács é tributário de duas correntes de pensamento alemãs distintas.

A primeira delas diz respeito à filosofia de Kant, da qual Lukács absorve seu criticismo e as exigências morais categóricas contidas em Kant. Por outro lado, baseia-se também na tradição sociológica de Toennies que contrapõe comunidade e sociedade, forjando também a distinção dicotômica entre *cultura* e *civilização*. Como consequência, Netto percebe que estas influências deságuam em um padrão de crítica ao capitalismo muito vigoroso até

²⁰ Em virtude da ambivalência destes dois conceitos em diversas teorias, delimitaremos aqui as concepções que utilizaremos ao longo deste trabalho. Entendemos como formação a internalização de um determinado modo de se reproduzir a vida concomitantemente a um quadro de valores que legitime a maneira do sujeito agir e se posicionar no mundo (MESZÁROS, 2008, p. 15). Entendemos como utopia a reinterpretação do conceito dentro de uma vertente do marxismo representada por Ernst Bloch, que busca no sentido etimológico da palavra o conceito de utopia como a aspiração a um estado de coisas que ainda não foi alcançado, mas que existe como possibilidade (LÖWY, 2017, p. 78-79).

²¹ NETTO, José Paulo. Lukács: o Guerreiro sem Repouso. Editora Brasiliense. São Paulo, 1984, p. 15.

hoje em que se condenam as consequências do sistema na cultura e nos costumes ao mesmo tempo em que este é aceitado como uma realidade inexorável, fatal.²²

Estes elementos se fazem presentes em sua primeira obra amplamente reconhecida, concluído em 1908 quando o autor tinha a idade de 23 anos. A “História da Evolução do Drama Moderno”, ao tentar responder à pergunta se existe ou um drama moderno, recorre a perceber as manifestações artísticas antes de tudo como uma questão sociológica e, posteriormente, estética. Entretanto, seu recurso à sociologia não reduz a obra de arte aos elementos que a ela são exteriores, mas recorrem à percepção de que a produção de uma obra por um indivíduo se dá através de um *suporte*, existente antes mesmo do sujeito que produz a arte existir.

Percebemos já neste momento a presença de elementos que irão acompanhar o autor até os seus últimos dias. Em Lukács, a investigação sociológica e a investigação estética caminham juntas e se demarcam como um elemento constitutivo de sua *Estética*. O cotidiano, objeto central de nossa investigação, se faz na obra do autor justamente em virtude dessa preocupação. Apesar de alguns fios condutores que já podemos traçar sua recusa da ordem burguesa em sua juventude não era embasada através da teoria marxiana. Neste momento, o modelo sociológico de Lukács e toda a interpretação de marx realizada por ele vem de Simmel, professor do autor em Berlim em 1910.

A interpretação do capitalismo por Lukács, desta forma, é feita sem tangenciar o campo da História. A sociedade capitalista, para o autor, é vista como constituinte do mundo moderno e, portanto, fatal, inexorável à vida contemporânea. Este elemento leva o autor a transitar, em seus escritos, entre uma visão pessimista e outra desesperançosa, cristalizada em “A Alma e as Formas”, livro publicado pelo autor em 1910.

Este segundo livro causou também grande repercussão e, justamente em virtude da ampla difusão das obras de sua juventude o autor permaneceu - principalmente no campo da teoria literária - durante muito tempo preterido em relação às suas produções posteriores. Celso Frederico²³ narra o momento em que Lucien Goldmann entra em uma casa abandonada

²² Ibidem, p. 16.

²³ FREDERICO, Celso. Lukács: Em defesa do Realismo “palestra”, Boitempo. São Paulo, São Paulo. 11 de novembro de 2015. Visto em: www.youtube.com/watch?v=AiksYs_DNuo&list=PLHiE8QPap5vQVG1X3S0HnMNVxT2G77SJh&index=1. Acessado em: 09/11/2017.

durante a Primeira Guerra Mundial, se depara com o livro e o transcreve inteiramente para um caderno. Posteriormente, ao interpretar Lukács, Goldmann apegase principalmente às suas obras de juventude.

A visão pessimista sobre a qual falamos anteriormente leva o autor a interessar-se pelo estudo das religiões judaico-cristã e hindu. É neste período também, em 1910, que Lukács encontra-se com Ernst Bloch, que o convence a mudar-se para Heidelberg e passar a frequentar os círculos organizados por Max Weber.²⁴ É neste momento que Lukács inicia seus estudos sobre Hegel, autor que marcará profundamente o desenvolvimento de seu pensamento.

A Teoria do Romance, publicada em 1914 como um texto que deveria ser uma introdução à obra de Dostoiévski marca esse período assinalando “a transição do idealismo subjetivo ao objetivo, patente não apenas no empenho em aplicar os conceitos de Hegel às questões artísticas, como também no esforço de ‘historicização das categorias estéticas’, embrião de uma tentativa de filosofia da história” (MUSSE, 2013, p. 295).

Durante a Primeira Guerra Mundial Lukács é chamado para o serviço militar e atende, em 1915, retornando à Budapeste. Seu serviço não foi cumprido no campo de batalha por ter sido considerado incapaz, sendo delegado a trabalhar na censura das cartas no exército. Na capital, passa a organizar discussões dominicais sobre diferentes temas filosóficos da qual fizeram parte Arnold Hauser, Karl Mannheim e Eugene Varga, intelectuais que se destacaram em suas respectivas áreas posteriormente.

Com o desenrolar da guerra Lukács passa a estudar os textos de Marx na tentativa de encontrar soluções para os dilemas provocados pelos horrores do conflito. Neste mesmo momento, a eclosão da Revolução Russa marca de maneira definitiva uma virada materialista no pensamento do autor. Um dos poucos consensos existentes entre os estudiosos da obra de Lukács reside justamente aqui²⁵, na constatação de que é neste período que o autor adere ao marxismo. Em seu texto *O Bolchevismo como Problema Moral* (1918) os pareceres do autor sobre os comunistas são muito simpáticos e sua data de publicação se dá poucos dias após a fundação do Partido Comunista da Hungria por Béla Kun.

Apesar Goldman considerar a virada ao marxismo como uma ruptura profunda em sua trajetória Leandro Konder, por outro lado, enxerga na decisão de Lukács pelo comunismo

²⁴ NETTO, José Paulo. Lukács: o Guerreiro sem Repouso. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984, p. 21.

²⁵ Ibidem, p. 8.

um reflexo daquela apaixonada recusa ao modo de vida burguês que o acompanhava desde a juventude. Este salto, de acordo com Netto, permitiu ao autor elaborar “uma concepção dialética da história, da sociedade e da cultura” (p. 28) e enxerga este momento de tomada de posição através de um processo que envolve continuidades e rupturas.

O período seguinte da trajetória do autor é marcado por sua atuação dentro de espaços políticos. Seu ingresso no PC da Hungria se dá em dezembro de 1918. A partir de então por quase uma década seus esforços serão dirigidos quase que exclusivamente para este tipo de prática. Longe de ser observado fora do período de produção intelectual de Lukács, sua militância política deve ser compreendida como uma tentativa de aplicar em sua prática as recentes leituras de Marx por ele realizadas e passa a fundamentar, através de razões teóricas, as justificativas para sua opção por participar das lutas proletárias.

Associado à conjuntura de seu país quando, em janeiro de 1919 a monarquia cai e, por pressão internacional, o governo seguinte coloca atrás das grades os líderes comunistas renomados do país, Lukács passa a fazer parte do Comitê Central do PC. De acordo com Netto, a grave crise social que deixa a Hungria com dez milhões de desempregados em 1919 leva o movimento de massas a instaurar a República Proletária dos Conselhos, governo que termina por durar apenas 133 dias.

A atuação de Lukács como membro do Comitê Central do PC é constante em diversas frentes, mas fica marcada quando ele assume o cargo de Vice-Ministro da Educação Pública. Neste período, Lukács conduz uma profunda reforma educacional, introduzindo nos currículos a educação sexual e realiza um programa de abertura dos museus e teatros aos trabalhadores húngaros. Ao fim e ao cabo, a política cultural da Comuna passa a ser orientada por Lukács e assume um caráter democrático e plural, como se percebe em um artigo seu publicado no *Jornal Vermelho*: “O Comissariado não quer uma arte oficial nem, muito menos, a ditadura da arte do Partido” (LUKÁCS apud Netto, 1983, p. 33).

Ainda em 1919, “a contra-revolução de Horthy já esmagara a frágil comuna, levando Lukács e milhares de outros ao degredo” (BORDIN, 2010, p. 20). Lukács permanece algum tempo na clandestinidade tentando organizar a resistência até que ruma para Viena após a execução de Otto Korvin, militante que o acompanhou durante a tentativa. Ao chegar lá, é

preso e só não é extraditado em virtude de uma intensa mobilização dos intelectuais europeus da época como Bloch, Paul Emst e Thomas e Heirich Mann²⁶.

Um dos objetivos deste trabalho é entender como o cotidiano se torna relevante para o autor aqui estudado. Neste sentido, o período que Lukács passa no exílio em Viena é fundamental. Lá, entra em contato pela primeira vez com os escritos de Lênin e, neste período, o cotidiano passa a ocupar um papel central no desenvolvimento de seus estudos sobre o líder da Revolução de outubro.

Em sua obra *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*, publicadas pela primeira vez em 1924, é possível perceber uma atenção especial do autor à realidade material e sua relação com a vida cotidiana dos homens. De acordo com Miguel Vedda, em uma apresentação redigida para a publicação do livro em português através da editora Boitempo, o cotidiano passa a ser considerado não como uma “categoria de análise, mas como (...) um *factum brutum* [a cotidianidade é vista como] *ponto de partida e chegada de toda análise e práxis efetivas*”(VEDDA, 2012, p. 7, grifo nosso). Como perceberemos no capítulo seguinte deste trabalho, este elemento está contido em sua *Estética*. Além disso, o autor também passa a enxergar, através de Lênin, o cotidiano e sua conexão com a democracia. Conforme percebemos nos escritos de 1924, Lukács defende ao observar as finalidades dos conselhos comunitários que a democracia só se concretiza quando ela se dá a partir de uma *democracia do cotidiano* em que o proletariado pudesse, através de organizações populares e percebendo a vida material que cerca a classe decidir como a vida é produzida.

Ainda em seu período de exílio outra série de acontecimentos acaba por influenciar uma de suas produções mais referenciadas: *História e Consciência de Classe*. Neste período, o PC húngaro se divide entre duas orientações. Uma delas, representada pelo líder Béla Kun, exilado em Moscou, vinculava-se à Internacional Comunista. A outra, da qual Lukács fazia parte, era representada por Jenő Landler buscava combater o sectarismo e a burocracia dentro do movimento. Com o apoio da Internacional, a linha de Béla Kun torna-se hegemônica e, a partir desta derrota, Lukács busca reelaborar alguns de seus textos que culminam no lançamento de *História e Consciência de Classe*.

A obra aborda discussões em aberto na época pelo movimento comunista e se coloca em oposição à corrente da II Internacional e do positivismo acrítico das ciências por ele

²⁶ Ibidem, p. 34.

chamadas de “burguesas”. Neste livro, emergem dois conceitos que, apesar de revisões posteriores, seguem sendo debatidos por toda a sua trajetória: a *totalidade* e a *reificação*. Estas categorias influenciam os pensadores da escola de Frankfurt, Mannhein, Heidegger, Goldmann e Kosic. A atualidade do texto permanece até hoje nos debates sobre o estudo das sociedades a partir do ponto de vista da totalidade: único meio, segundo o autor, de resolver as formas sociais nos seus processos²⁷. De acordo com Löwy²⁸, em *História e Consciência de Classe* é possível perceber a originalidade do entendimento do jovem Lukács sobre o marxismo: o autor enxerga-o como um historicismo radical. Posteriormente, esta concepção historicista é reformulada adquirindo, também, uma interpretação das dimensões ontológicas do pensamento marxiano.

Para o marxismo oficial, a obra foi considerada herética. Bukharin e Zinoviev atacam, no V congresso da Internacional Comunista a leitura hegeliana de Marx realizada por Lukács. Em meio às polêmicas, o livro publicado em 1923 só recebe outra edição em 1967, acompanhada de um prefácio onde Lukács avalia os elementos contidos em sua obra.

Derrotado dentro de seu partido mais uma vez após o falecimento de Landler em 1928 por sua defesa de uma política de frente de massas contra as forças fascistas que estavam ascendendo. Em virtude disso, o autor deixa o Comitê Central do partido e precisa realizar uma autocrítica. Tardiamente, Lukács explica o episódio afirmando que naquele momento, apesar de considerar que estava certo, realizou a autocrítica para poder permanecer no partido em um momento de ascensão do nazismo.

Até aqui estabelecemos, de certo modo, uma narrativa linear em que os acontecimentos da vida do autor foram organizados de maneira cronológica, seguindo uma série de fatos ordenados temporalmente através de elementos que Lukács e comentaristas de sua obra encontraram como válidos. Percebemos também, com o desenrolar do texto, que diversos fios condutores que se tornarão problemas centrais em suas obras de maturidade começaram a se fazer presentes já em sua juventude, mesmo no período em que o autor não se posicionava dentro do espectro do marxismo. Isso fica mais claro quando observamos uma parte da resposta que Lukács dá a Perry Anderson em uma entrevista realizada em 1971, ano da morte do autor. Na ocasião, Anderson pergunta a Lukács como ele julgaria seus escritos

²⁷ Ibidem, p. 41.

²⁸ Löwy, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2015.

dos anos vinte e como eles se relacionam com o trabalho do autor no final de sua vida. Lukács responde:

Nos anos vinte, Korsch, Gramsci e eu tentamos, cada um à sua maneira, lidar com o problema da necessidade social e sua interpretação mecanicista, o legado da Segunda Internacional. (...) Os anos vinte são uma era pretérita; o que nos concerne são os problemas dos anos sessenta. Eu estou trabalhando em uma ontologia do ser social que, eu espero, resolverá o problema que eu enfrentei de maneira errada no meu trabalho preliminar, especialmente em *História e Consciência de Classe*. Meu novo trabalho foca na relação entre liberdade e necessidade, ou, como eu me expressei, entre casualidade e teleologia.” (LUKÁCS, 1917. Entrevista com Perry Anderson acessada em: <https://lavrpalavra.com/2016/05/19/entrevista-com-gyorgy-lukacs-por-perry-anderson/>)

Acreditamos que o trecho da entrevista anterior pode nos ajudar no sentido em que fornece uma síntese de Lukács sobre seu trabalho inicial. Suas palavras confirmam o que tentamos enxergar: o desenvolvimento do pensamento do autor se dá através de rupturas e, principalmente, continuidades que envolvem o (re)pensar elementos-chave de obras anteriores através de sua prática intelectual e política.

O período seguinte que recortamos, juntamente com Tertulian²⁹, vai de 1930 até 1950. Aqui, o texto se organizará de maneira diferente. Não tentaremos estabelecer uma cronologia linear, narrando os diversos acontecimentos em sua vida e a relação com a obra produzida pelo autor. Nos debruçaremos, principalmente, em um tema polêmico e ainda aberto nas biografias sobre Lukács: sua relação com o stalinismo.

Com este recorte, não intentamos de maneira alguma hierarquizar acontecimentos como se fosse possível identificar, em uma narrativa de vida, experiências mais ou menos importantes. É neste período também que Lukács trava relações com Brecht que, apesar de divergências teóricas, permanecem amigos até o fim da vida do dramaturgo e poeta.

²⁹ TERTULIAN, Nicolas. Lukács e o Stalinismo. Verinotio. Revista Online de Educação e Ciências Humanas. n° 7, ano IV, novembro de 2007. Periodicidade semestral. p. 1-40.

Entretanto, decidimos selecionar para este texto a relação de Lukács com o stalinismo justamente por esta se colocar como um ponto de partida de interpretações, críticas e campanhas de descrédito ideológico sobre sua obra.

Neste sentido, Tertulian (2007) chama a atenção para o fato de que as lutas de diversos intelectuais contra regimes totalitários iniciou dentro dos próprios regimes. É desta forma que Brecht, Ernst Bloch e Lukács começam a denunciar as práticas stalinistas. Entretanto, ao contrário dos dissidentes, as críticas destes autores rumavam no sentido de desejar “a reforma radical destas sociedades, sua reconstrução sobre bases autenticamente socialistas, e não a restauração do capitalismo” (Tertulian, 2007, p. 1).

Com a ascensão de Hitler na Alemanha em 1933, a Internacional Comunista muda de posição, assumindo uma linha teórica mais sectária, repudiando a social-democracia como irmã gêmea do fascismo e adotando a política de classe contra classe³⁰. Apesar de Netto defender que, neste período, Lukács aceitou parcial e condicionalmente a política stalinista em virtude da aceitação do socialismo em um só país, contrariamente à tese da revolução permanente defendida por Trotsky, existem controvérsias.

Tertulian, ao investigar fontes até então inéditas como as obras publicadas por Walter Janka³¹, comunista alemão, e manuscritos ainda não diagramados de Lukács em Budapeste, percebe que as relações existentes entre os escritos do autor durante o regime stalinista e o clima de paranóia instaurado em Moscou na época - cidade onde Lukács permanece exilado até o fim da Segunda Guerra Mundial - afetaram profundamente o modo segundo o qual o autor agiu no período. Sartre, por exemplo, afirmava que Lukács tinha “atrás de si ‘vinte anos de prática’ de um marxismo congelado” (TERTULIAN, 2007, p.7). Além disso, as análises do autor sobre o stalinismo transpareciam também respostas a questões pessoais de sua vida.

Para evidenciar melhor a complexidade das ações de Lukács no período iremos nos valer de uma discussão travada em um debate na cidade de Moscou acerca do pensamento de Mehring e Plekhanov, revolucionários russos falecidos entre 1918 e 1919. Ambos os autores defendiam a ideia de que o marxismo seria um método de interpretação sociológica da história e atribuíam, também, uma preponderância de influência de Feuerbach sobre o jovem

³⁰ NETTO, José Paulo. Lukács: o Guerreiro sem Repouso. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984, p. 48.

³¹ JANKA, Walter. Schwierigkeiten mit Wahrheit, 1989, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt; Der Prozess gegen Walter Janka und andere, Eine Dokumentation, 1990.

Marx. Combatendo esta tese, Lukács e Stálin logo viram-se na mesma trincheira. Entretanto, Tertulian demonstra que

Defender a interpretação de Lênin contra aquela de Plekhanov seria para Stálin uma maneira de manifestar sua ‘ortodoxia’; Para Lukács, esta seria uma maneira de recuperar a herança hegeliana, de sublinhar a importância do grande filósofo (...) na gênese do marxismo (a ponte anti-mecanicista desta posição não escapa hoje a ninguém). (TERTULIAN, 2007, p. 14)

Podemos perceber que, apesar de ambos acabarem se posicionando contra o pensamento de Mehring e Plekhanov, os motivos de discordar da interpretação feuerbachiana de Marx eram, para Lukács e Stálin, profundamente diferentes. Enquanto um valia-se da discussão para referendar o discurso mecânico travestido de ortodoxia, para outro a recusa da preponderância de Feuerbach ligava-se intimamente com a recusa da interpretação mecanicista das obras de Marx. No episódio, Lukács recusa o conceito de universalidade filosófica do marxismo, muito apropriado por interpretações reducionistas da sociedade e utilizado como justificativa das práticas de Stálin.

É também neste período que, para desenvolver suas ideias, antagônicas às prescrições da Internacional Comunista, Lukács começa a valer-se de referências que ficaram posteriormente conhecidas como “citações protocolares”. Para escapar da censura, o autor passa a empregar largamente em seus textos citações de textos de dirigentes comunistas contrabandeando, para o seio de Moscou, posicionamentos anti-sectários e a favor de uma política de frentes amplas contra o fascismo, conforme expressas em suas *Teses de Blum*, teses que renderam para o autor a necessidade de realizar uma autocrítica de maneira a garantir sua permanência no Partido Comunista.

Outro posicionamento que contrapõe o autor à política de Stálin diz respeito justamente a questões estéticas que discutiam-se na época. Lukács opõe-se profundamente ao realismo socialista³² e defende “que o proletariado só poderá construir uma nova cultura se for capaz de assimilar, crítica e criadoramente, a herança que encontra diante de si.” (NETTO,

³² FREDERICO, Celso. Lukács: Em defesa do Realismo “palestra”, Boitempo. São Paulo, São Paulo. 11 de novembro de 2015. Visto em: www.youtube.com/watch?v=AiksYs_DNuo&list=PLHiE8QPap5vQVG1X3S0HnMNVxT2G77SJh&index=1. Acessado em: 09/11/2017.

1984, p. 49). Neste período, o empenho de Lukács reside em tentar elaborar uma concepção de realismo alternativa àquela oferecida pelo stalinismo.

É nesta sequência que Lukács passa a investigar sistematicamente a arte em uma perspectiva mais ampla, para além de seus trabalhos de crítica literária realizados em sua juventude. Aqui, podemos perceber que a concepção do marxismo como historicismo radical passa a ceder, pouco a pouco, espaço também para a compreensão das categorias do ser social por uma perspectiva ontológica.

Percebemos também em suas discussões estéticas da época o aparecimento de uma concepção original sobre o realismo. Para Lukács, o elemento não se configura apenas como uma questão de estilo ou de técnica, mas constitui-se como o problema central de toda produção artística. Podemos perceber isso, por exemplo, na contraposição realizada pelo autor em que coloca o realismo como antagônico ao naturalismo³³, defendendo que o naturalismo exacerba as questões de forma e elimina o conteúdo da obra.

Em *Narrar ou Descrever*, publicado em 1936, começa a aparecer também a questão do particular na obra de arte. Discussão que, posteriormente, se faz presente na sua *Introdução a uma Estética Marxista*, opúsculo que só pôde ser publicado na Itália, renunciando seus objetivos de construção de uma grande *Estética*. Já em 1936, Lukács ressalta a importância dos *tipos* na obra de arte³⁴. Para o autor, são eles que revelam as máximas possibilidades que uma classe social é capaz de alcançar. Este personagem, por sua vez, só é alcançado através da construção narrativística que busca captar a essencialidade dos personagens presentes na obra. Posteriormente, Lukács atribui a capacidade de captar essa essencialidade através da categoria filosófica da *particularidade*, capaz de transbordar tanto a *universalidade* abstrata quanto a *singularidade* que reduz tudo a um sujeito³⁵.

O Romance Histórico, redigido entre 1936 e 1937 carrega essas características ao valorizar diferentes escritores burgueses que se posicionavam contra o fascismo naquela época, como Romain Rolland, novelista e biógrafo francês que falece em 1944. Entretanto, a questão central aqui é a análise que o autor faz do gênero épico, retomando novamente em sua obra a profunda importância por ele atribuída ao cotidiano. Para Lukács, o épico “refigura a

³³ Ibidem, 2015.

³⁴ NETTO, José Paulo. Lukács: o Guerreiro sem Repouso. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984, p. 58.

³⁵ LUKÁCS, György - Introdução a uma estética marxista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

totalidade dos objetos, oferecendo uma ‘imagem artística da sociedade humana como ela se produz e reproduz no processo cotidiano da vida’”(LUKÁCS Apud. NETTO, 1984, p. 49)

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, Lukács retorna a Budapeste, é eleito como membro do Parlamento e passa a assumir a cadeira de Estética e Filosofia da Cultura na universidade de Budapeste. Retornando à sua pátria, volta também a publicar suas obras em sua língua vernacular. No bojo de mudanças em sua vida Lukács torna-se alvo da polícia política stalinista e de seus discípulos. Abre-se, na KGB, um caso intitulado Lukács³⁶.

Em 1950, a revista *Forum*, comandada pelo autor, é fechada e ele é obrigado a cessar suas atividades públicas, permanecendo até 1953 vigiado constantemente e vítima de constantes campanhas de descrédito ideológico que partiam da revista oficial do Partido Comunista da Hungria. Sobre as perseguições sofridas, Piero Raffa interpreta que “entre os massacres políticos e civis de Stalin e os massacres intelectuais do filósofo húngaro só existe, na verdade, uma diferença de plano de experiência. Em minha lógica, são a mesma coisa.” (RAFFA, Apud. Netto, 1984, p. 92).

Afastado da vida pública, exonerado de sua cátedra e alvo de constantes difamações até 1957 pelo Ministro da Educação e Cultura da Hungria, J. Szigéti, seu ex-aluno, Lukács aposta no futuro. José Paulo Netto observa que “no fecho daqueles tempos de sombras, também Lukács encerra um largo momento da sua reflexão e inaugura um novo patamar no processo de seu pensamento” (NETTO, 1984, p. 70). Esta afirmação de Netto embasa-se no anúncio, por parte de Lukács, da construção de sua *Estética*, obra que terminou inconclusa e ocupou espaço em sua produção até o fim de seus dias.

O período posterior aos tempos turbulentos do exílio, do afastamento da vida política e intelectual na Hungria, das campanhas de descrédito ideológico foi convencionado chamar-se *O Último Lukács*³⁷. É nesta altura de sua vida, aos setenta e dois anos, que inicia-se sua fase de pensamento *tardio*, demarcado com a publicação da *Carta sobre o Stalinismo*, em 1962. No texto, de acordo com Netto (1984), Lukács realiza um balanço sintético abordando as deformações da experiência da Revolução de Outubro na União Soviética, por meio de

³⁶ NETTO, José Paulo. Lukács: o Guerreiro sem Repouso. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984, p. 66.

³⁷FORTES, Ronaldo Vielmi; NETTO, José Paulo. Ideologia e política no último Lukács “palestra”. Boitempo, São Paulo, São Paulo. 11 de novembro de 2015. Visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=jWCjQVptv7w&list=PLHiE8QPap5vQVG1X3S0HnMNVxT2G77SJh&index=6>. Acessado em: 13/11/2017.

Stálin. A marca profunda e original de sua análise parte da concepção de stalinismo como um método manifestado na política enquanto oportunismo taticista e na cultura enquanto criador de dogmas.

É também neste ciclo de maturidade que Lukács demonstra a preocupação acerca da insuficiência dos clássicos marxianos para a compreensão do mundo formado após a Segunda Guerra Mundial. Inicia-se aí um movimento de, nas palavras do autor, “renascimento do marxismo” que, segundo Gajanigo (2011) através de duas diferentes frentes: o resgate do pensamento de Marx e Engels que deveria vir acompanhado da tentativa de se entender a especificidade das sociedades contemporâneas. Fruto disso é a observação segundo a qual era necessário escrever uma nova versão d’O Capital. Percebemos a busca por realizar esta tarefa na publicação de *Para Além do Capital* por István Mészáros, discípulo de Lukács no período.

Nesta experiência de busca por renovação, Lukács retorna novamente aos estudos sobre Marx e Engels na busca de um método para se entender a especificidade do capitalismo em sua época. A partir daí,

Seu esforço esteve em demonstrar que o método empreendido por Marx para desvelar a sociedade capitalista se fundamenta numa ontologia própria, que foi esclarecida nos seus trabalhos de juventude. Lukács caracterizou a ontologia marxista como aquela que considera todo ser como histórico, seja ele inorgânico, orgânico ou social. (GAJANIGO, 2011, p. 354 - 355).

No momento de publicação da *Carta sobre o stalinismo*, o primeiro volume de sua *Estética: A Peculiaridade do Estético* também veio à luz. Esta parte inicial, de uma série planejada para ser publicada em três diferentes partes, foi a única que acaba sendo realmente concretizada. Na obra de 1963 é possível perceber a presença de vários elementos pensados pelo autor em sua trajetória como a necessidade de elaboração de uma estética marxista, o problema da distinção entre forma e conteúdo na obra de arte e o cotidiano, objeto que motivou a escrita desta monografia.

Entretanto, apesar do caráter de retorno e síntese de questões pensadas durante toda sua vida, a *Estética* é original pela forma metodológica segundo a qual enquadra seus escritos anteriores. Netto (1984) percebe isso ao notar a constância na busca por traçar a gênese e o

desenvolvimento interno de cada processo que ele estuda. É através daí que surge a tentativa de entender a produção artística através do contraste com outra forma do ser social fazer-se objetivamente no mundo: a ciência. Concebendo essas duas formas como pólos opostos que foram se desenvolvendo de maneiras particulares historicamente, Lukács encontra o cotidiano como ponto nodal, de origem, de gênese social das outras formas de objetivação do ser e, para o qual todas estas retornam. Os resultados de uma análise sistemática da categoria do cotidiano na *Estética* de Lukács estão contidos no capítulo posterior. Apesar disso, a ilustração da observação da categoria pelo autor através de um método específico nos ajuda a compreender aqui o caráter original de sua obra ao mesmo tempo em que são tecidas constantes relações de continuidade com os problemas filosóficos encontrados em sua trajetória intelectual e política.

Apesar da riqueza do trabalho intelectual do autor, este período de sua vida é marcado pela solidão e pelo isolamento, não aplacados nem com a criação da “Escola de Budapeste”, criada por seus principais discípulos como Agnes Heller e Ferenc Feher pois, na publicação de *Para uma Ontologia do Ser Social*, o distanciamento de Lukács e seus discípulos foi selado.

Este traço solitário é bem narrado no recorte de um depoimento de Agnes Heller realizado por José Paulo Netto.

No modo de viver de Lukács (...) existiam aspectos que tive de rejeitar, ainda que com um sentimento de sincera compaixão: sua dedicação absoluta às ‘questões do espírito’, à teoria e à política, que era acompanhada por uma absoluta negligência em face da vida e das experiências diárias (...) a sua incapacidade de expressar as próprias emoções e de abrir seu coração, sua solidão existencial, sua ‘objetividade’ que chegava até mesmo à crueldade consigo próprio (...) Frequentemente me vi tentada a tratar este homem genial como uma criança indefesa. (HELLER Apud. Netto, 1984, p. 82-83)

Logo após a *Estética*, muito bem recebida pela crítica, Lukács propõe a escrita de uma *Ética*. Mas a vida do autor que preocupou-se profundamente com o mundo à sua volta e a miséria generalizada causada pela barbárie “progresso” capitalista chega ao fim. A redação

desta obra termina incompleta, restrita apenas a pequenos fichamentos e anotações do autor ainda não diagramados.

Entretanto, para a redação da *Ética*, Lukács acaba escrevendo outra grande obra de seu período de maturidade: *Para uma Ontologia do Ser Social*, publicada poucos dias após a morte do autor.

Em sua vida podemos perceber, além das profundas marcas deixadas por Lukács e ainda pouco conhecidas no desenvolvimento da filosofia no século XX, um profundo sentimento de humanidade, de preocupação com o mundo e com nossa capacidade de lê-lo, interpretá-lo, transformá-lo.

O seio da concepção Arendtiana de liberdade repousa, para Santos (2011), repousa na oposição entre liberdade e necessidade, ruptura fundamental causada pela diferenciação entre a vida biológica, comum a todos os seres, e a especificidade da vida humana. De acordo com a autora, a liberdade reside justamente na indeterminação, da ruptura com a necessidade. Lukács diverge. O filósofo cuja vida tentamos brevemente percorrer neste capítulo entende a liberdade justamente em sua relação com a necessidade. Para o autor, a *grosso modo*, a liberdade reside justamente na possibilidade de determinar as determinações que a nós são impostas pela casualidade (necessidade).

Podemos perceber a materialização desse pensamento em sua trajetória de vida. Ao longo de todas as adversidades, os recortes selecionados para a construção narrativa do capítulo demonstram como o autor buscava atuar sempre de acordo com suas convicções - apesar de que em constante *devoir* - através de um campo de possibilidades que, ao mesmo tempo em que delimita a maneira que podemos agir, gera em nós a capacidade de operar através de escolhas. Apesar da divergência entre os dois pensadores, peço licença para valer-me de um conceito de Hannah Arendt expresso no primeiro capítulo desta monografia: o *amor mundi*.

Certamente, podemos perceber na *vida e obra* de Lukács uma transição de, no início, uma motivação baseada em uma recusa apaixonada e profunda ao modo de viver burguês a, em sua maturidade, um profundo sentimento de cuidado, de preocupação com a humanidade muito bem ilustrado pelo *amor mundi*.

4. O Cotidiano na *Estética*

Como observamos no capítulo anterior, o cotidiano já esteve presente como conceito e categoria em outros textos do autor. Por que, então, nossa investigação toma como objeto estritamente a *Estética*? Para responder a esta questão fundamental no trabalho de pesquisa, precisamos lidar com o critério da viabilidade de conclusão da monografia e da relevância atribuída ao cotidiano em sua obra.

Em primeiro lugar, a decisão se dá em virtude da extensão da obra que Lukács produziu em vida e à heterogeneidade do caminho percorrido pelo pensamento do autor. Ao longo de sua vida, foram muito diferentes as influências sobre suas obras. Escrever um trabalho de conclusão de curso exige bastante pragmatismo em virtude do tempo disponível para a realização do mesmo, o que poderia levar às abordagens se tornarem superficiais. Portanto, o critério da inviabilidade impediria nosso trabalho. Além da amplitude da obra, há também o problema da linguagem. Com exceção de *Lênin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento* não encontramos, durante a pesquisa, nenhum outro texto traduzido em português em que o objeto de estudo estava presente. A própria *Estética* não se encontra traduzida, nos levando a recorrer a uma versão em espanhol, o que nos levou a despender ainda mais tempo em uma leitura rigorosa, dado a quantidade de conceitos utilizados pelo autor.

Sobre a relevância, apesar do cotidiano manifestar-se em outros textos, na *Estética* a vida cotidiana é esquadrihada de maneira sistemática, e é daí que o autor pensa o tema proposto. Além disso, como observamos no capítulo anterior, a obra tardia de Lukács caracteriza-se pelo movimento realizado por ele de repensar todas as questões presentes em suas obras anteriores. Desta maneira, inferimos que o cotidiano em sua obra tardia devem possuir de maneira sintética tratamentos reservados aos outros momentos em que ele aparece.

O que caracteriza o pensamento próprio da vida cotidiana? Lukács, ao traçar suas linhas gerais, encontra uma série de obstáculos de natureza científica e filosófica arraigados à constituição de tais áreas ao longo de seus respectivos desenvolvimentos. Para ele³⁸, a tradicional epistemologia burguesa não permitiu a ampliação da compreensão nesse sentido, pelo contrário; do não reconhecimento da importância de investigar questões próprias da gênese do conhecimento, passou à análise de formas científicas já muito desenvolvidas, negando todo o percurso de transição entre esses momentos e perdendo de vista a formação de certas especificidades que carregam consigo consequências de processos sociais dos mais

³⁸ LUKÁCS, György. *Estética: cuestiones preliminares y de principio*. Grijalbo: Barcelona, 1966, p. XX.

diversos. Tendo em vista o caráter fragmentário no que diz respeito à gênese do conhecimento, Lukács percebe a impossibilidade de reconstituir o caminho que o homem trilhou neste desenvolvimento. Apesar disso, o autor percebe que este desenvolvimento se dá de maneira desigual e contraditória através da história escrita da humanidade no que tange às questões relativas ao pensamento próprio da vida cotidiana³⁹. Resta ao autor, portanto, recorrer ao materialismo histórico e dialético a fim de elaborar um método que permita sistematizar suas investigações. Ao fazer isso e, recorrendo também ao conceito de totalidade, Lukács coloca à nossa disposição não apenas as características que deseja conhecer sobre o pensamento próprio da vida cotidiana, mas o caminho até a compreensão do que o constitui cruza-se com a compreensão acerca do homem em sua inteireza.

A primeira visão geral do pensamento próprio da vida cotidiana exige de nós, como exigiu do autor, uma antecipação em relação à discussão rigorosa a respeito do complexo do trabalho⁴⁰. Para isso, o autor recorre a um ponto de vista geral, partindo da perspectiva do materialismo, a saber:

los reflejos científico y estético de la realidad objetiva son formas de reflejo que se han constituido y diferenciado cada vez más finamente, en el curso de la evolución *histórica* y que tienen en la vida real su fundamento y su consumación última. Su peculiaridad se constituye precisamente en la dirección que exige el cumplimiento, cada vez más preciso y completo, de su función social. Por eso la pureza - surgida relativamente tarde - en que descansa su generalidad científica o estética, constituyen los dos polos del reflejo general de la realidad objetiva; el fecundo punto medio entre esos dos polos es el reflejo de la realidad propio de la vida cotidiana. (LUKÁCS, 1966, p.34, grifo nosso)

Ou seja, a vida no presente é o terreno de onde partem os reflexos científico e estético e a peculiaridade destes se dá na direção do cumprimento mais preciso e completo da

³⁹ Ibidem, p. 34.

⁴⁰ Em “Para uma Ontologia do Ser Social II”, subsequente à publicação de sua Estética, Lukács descreve o ser social como um complexo de complexos categoriais. Seu ponto de partida é o complexo do trabalho, entendendo-o como um modelo da práxis social. (LUKÁCS, 2013, p. 39.)

função social de cada um. É justamente entre os pólos assim constituídos que Lukács encontra o reflexo⁴¹ próprio da vida cotidiana.

Assim, para o autor, a acuidade característica de cada um desses extremos, por um lado, se diferencia radicalmente das formas complexas e mistas da cotidianidade e, por outro, é a partir destas formas que são redefinidos seus limites sempre que surge a necessidade de responder aos novos problemas nela encontrados⁴². Tais respostas, ao confundirem-se novamente na trama da vida cotidiana tornam-na mais complexa e a empurram, assim, a problemas cada vez mais desenvolvidos. É central para Lukács manter em vista as considerações aqui expostas acerca da dupla interação desses extremos com o pensamento próprio da vida cotidiana e a peculiaridade específica e em constante transformação das duas formas diferenciadas.

Outro pressuposto do qual parte Lukács é o de que tanto o reflexo científico como o estético e aquele característico da cotidianidade refletem a mesma realidade. Isso acontece porque o mundo enquanto fato à luz do materialismo histórico dialético é percebido através de sua unidade material. Ele recorre a uma imagem interessante para ilustrá-lo: imaginemos alguém que fecha os olhos a fim de captar melhor algum som, compreendendo que essa eliminação momentânea e parcial de outros elementos que compõem a realidade é o que viabiliza uma aproximação do fenômeno que lhe é interessante investigar⁴³. Lukács vê nesse tipo de manipulação quase instintiva os primeiros passos do caminho tortuoso que leva ao reflexo no processo de trabalho, na arte e na ciência. De toda forma, assim como o ato de fechar os olhos não leva o mundo a deixar de existir, em nenhum momento a unidade material no mundo deixa de existir, por mais apurado que seja o reflexo da realidade.

Nos detemos aqui para frisar a importância do uso de analogias pelo autor para nos aproximarmos de fenômenos ignorados pelo conhecimento científico tal e como ele se configurava no momento de redação da *Estética*. Mais à frente discutiremos algumas

⁴¹ Na versão em espanhol do primeiro volume da *Estética* o termo reflexo remete ao resultado da separação entre o homem subjetivo e o mundo objetivo e refere-se à interação entre essas duas formas de ser. Na versão em português de “Para uma Ontologia do Ser Social II”, publicada pela Boitempo pela primeira vez em 2012 (verificar), seu correspondente é traduzido na palavra espelhamento.

⁴² LUKÁCS, György. *Estética: cuestiones preliminares y de principio*. Grijalbo: Barcelona, 1966, p. 35.

⁴³ *Ibidem*, p. 36.

especificidades da analogia enquanto categoria. Até aqui basta dizer que sempre que Lukács recorre a elas, o faz levando em conta os princípios da visão social, como em Marx

La sociedad burguesa es la organización histórica más desarrollada y varia de la producción. Las categorías que expresan su comportamiento, la comprensión de su articulación, suministran por ello una comprensión de la articulación y de las relaciones de producción de todas las formas sociales desaparecidas e con cuyos elementos y restos se ha construido ella misma, acarreado aún reliquias en parte no superadas y desarrollando hasta plenas significaciones, lo que en aquellas otras sociedades eran conatos meros, etc. Hay en la anatomía del hombre una clave para comprender la del mono. En cambio, los conatos que apuntan a especies superiores en los animales inferiores no pueden entenderse más que cuando se conoce ya lo superior. Así la economía burguesa ofrece la clave para la comprensión de la antigua, etc. Pero no en el sentido de los economistas que borran todas las diferencias históricas y ven en todas las formaciones sociales la misma economía burguesa. (MARX, 1914, Apud. LUKÁCS, 1966, p. 37)

Lukács procede da mesma maneira: através dos reflexos já diferenciados e fixados procura pelos vestígios de sua fundamentação, que sabemos ser a vida cotidiana, e assim segue aproximando-se ao máximo das questões de gênese de suas categorias em constante desenvolvimento e diferenciação. Seu limite de investigação é o próprio homem enquanto ser social. Em nenhum momento ele nega o que chama de herança animal, apenas enxerga no trabalho um marco qualitativo capaz de tê-la suprimido no que tange a outros tipos de objetivação, a destacar a arte e a ciência, extremos que fixa ao investigar o cotidiano.

O autor realiza este tipo de percurso remontando, ao mesmo tempo, à gênese e ao desenvolvimento de um processo de maneira sistemática em sua obra. Netto (1984, p. 79) aponta este elemento como um sinal específico de sua metodologia de análise. Neste trecho, ficam evidentes as inspirações marxianas para a realização deste movimento metodológico.

Em posse de tal escopo histórico-sistemático, prossegue com sua investigação possuindo como pano de fundo o fato de que a vida *humana* é impensável sem objetivação. Ainda que desconsideradas todas as objetivações autênticas⁴⁴, Lukács afirma ser possível encontrar na linguagem e no trabalho esse mesmo caráter. O último, por sua vez, só pode produzir-se como ato teleológico⁴⁵, elemento fundamental da vida cotidiana e do reflexo da realidade objetiva na cotidianidade.

Neste sentido, o texto compartilha da visão de Marx e no processo de trabalho um movimento histórico no interior do qual são produzidas transformações qualitativas tanto objetiva quanto subjetivamente na vida social e individual. Neste processo, podemos observar três períodos essenciais.

O primeiro é compreendido entre as formas de trabalho quase instintivas e a circulação ainda rudimentar de mercadorias; o último é a variada economia mercantil do capitalismo. Entre ambos, situa-se o período do artesanato, da proximidade entre arte e ofício, dialeticamente, pressuposto histórico do terceiro.

Lukács demonstra que, apesar de diferenças históricas entre estes períodos, o que todos têm em comum é o princípio teleológico, ou seja, a existência idealmente do resultado do processo de trabalho como representação mental daquele que trabalha⁴⁶. A viabilidade de sua ação pressupõe um reflexo correto da realidade objetiva na consciência do homem e o acúmulo das experiências de sucesso levam-no a acreditar na eficácia de combinações puramente imaginativas. Assim podemos estender o caráter de objetivação ao processo de trabalho, apesar de muito mais fluida, em virtude da constituição ontológica desta categoria: “el hecho es que em cada proceso concreto de trabajo existe al menos la posibilidad abstracta de apartarse de las tradiciones presentes, intentar algo nuevo o actuar, en ciertas condiciones, sobre lo viejo para modificarlo”(LUKÁCS, 1966, p.41).

Algo semelhante, aponta Lukács, acontece com a prática dos cientistas, que vivem sua própria cotidianidade no seio da vida cotidiana dos homens. Por isso seu comportamento individual no que tange à objetivação de sua atividade não diferencia-se qualitativamente, em

⁴⁴ Ibidem, p. 39.

A partir do texto, entendemos como objetivações autênticas àquelas que se alinham de maneira mais próxima ao cumprimento de alguma determinada função social, objetivações mais mediadas por outras objetivações.

⁴⁵ explica de onde ele tira o termo? SIM

⁴⁶ LUKÁCS, György. Estética: cuestiones preliminares y de principio. Grijalbo: Barcelona, 1966, p. 40.

princípio, de suas demais atividades não profissionais, especialmente em períodos em que a divisão social do trabalho é menos complexa⁴⁷.

Quando, porém, analisamos tais questões do ponto de vista do objeto encontramos diferenças qualitativas: estas não residem na inalterabilidade dos resultados da ciência, mas no grau de abstração e, portanto, do distanciamento das práticas imediatas da vida cotidiana à qual se vinculam tanto em pressupostos como em consequências.

Pero la conexión dicha es para la ciencia siempre una vinculación mediada, con mayor o menor complicación y lejanía, mientras que para el trabajo, aun cuando sea una aplicación de conocimientos científicos muy complicados, se trata de una conexión de carácter predominantemente inmediato.”
(LUKÁCS, 1966, p.42)

Quanto mais imediatas são essas relações, o que significa que a intenção da atividade de orienta a um caso particular da vida, mais débil e mutável será a objetivação. Assim, segundo o texto, maiores serão as chances de que a fixação de tal objetivação proceda de algum fundamento subjetivo, frequentemente psicológico-social. No caso da ciência, cujos resultados ficam fixados como formulações cada vez mais mediadas e com isso independentes do homem com muito mais clareza que no caso do trabalho, uma formulação pode ser corrigida e substituída por outra sem perder sua objetividade. Nos produtos do trabalho as variações podem produzir-se como fenômenos individuais: na sociedade capitalista, o autor nota a existência de uma tendência de aproximação entre o trabalho e seus resultados e a estrutura científica.

Daí o fato de atualmente a interação com a ciência ter implicações maiores que no passado, em outros períodos apontados por Marx. Apesar destas diferentes implicações, de acordo com o autor, novas maneiras de posicionar o trabalho historicamente não suprimem nele a peculiaridade básica do pensamento próprio da vida cotidiana. A presença de elementos cientificizantes no trabalho não o transforma em um comportamento realmente científico.⁴⁸

Lukács observa esses elementos presentes na interação entre ciência e indústria moderna. Historicamente é certo que a linha seguida pela evolução dos processos sociais aqui

⁴⁷ Ibidem, p. 41.

⁴⁸ Ibidem, p. 43.

elencados faz com que a ciência penetre cada vez mais na indústria através do trabalho e, por sua vez, esta penetra, conseqüentemente, na vida cotidiana. Para Lukács, é apenas depois de preencher a vida cotidiana através do trabalho em suas formas cientificizantes que a ciência se afirma em seu caráter de “objetividade”.

No trabalho também pode-se notar, de acordo com o texto, expressões que a vida cotidiana carrega de outros momentos históricos como, por exemplo, o conservadorismo dos industriais manifestado através de costumes e tradições que opõe-se a resultados científicos já consolidados (LUKÁCS, 1966, p.43). Assim, mesmo quando percebemos o retorno da ciência ao cotidiano em forma de reflexo, este não se dá de maneira homogênea. Precisamos levar em conta que as experiências individuais dão respostas, de maneira única, aos problemas que surgem na vida cotidiana. Caso eles sejam solucionados, a tendência é que a prática passe a repetir-se no mesmo percurso; mas agora este assume caráter de rito, tradição, costume. Estas formas de objetivação consolidadas histórico e culturalmente opõem-se às formas de reflexo mais complexas e menos fluídas, como a ciência. Esse fenômeno deixa evidente “que los motivos ostensibles e incluso los motivos realmente activos del hombre en su acción histórica no son en modo alguno las causas últimas de los acontecimientos históricos.” (LUKÁCS, 1966, p.43)

Quais seriam, então, tais causas? O texto apresenta-nos como resposta os próprios desdobramentos da vida cotidiana, na qual tem lugar uma constante oscilação entre decisões fundadas em motivos de natureza instantânea e decisões baseadas em fundamentos rígidos, ainda que poucas vezes fixados intelectualmente, como as tradições e costumes⁴⁹.

No fundo de tudo dito até agora, Lukács aponta um outro traço essencial do ser e agir cotidianos: a vinculação imediata entre a teoria e a prática⁵⁰. A diferenciação estabelecida pelo autor sobre estas atividades humanas reside em entender por teoria uma maneira de reflexão dos objetos e por prática, a forma mais antiga de relacionar-se com eles: a ação imediata. Assim é a interação entre ciência e vida cotidiana: como vimos, os problemas aos quais a

⁴⁹ Ibidem, p. 44.

⁵⁰ O autor não simplifica essas questões a ponto de permitir a suposição de que os objetos da vida cotidiana sejam dotados objetivamente de caráter imediato. É justamente o contrário: existem apenas como consequência de uma série complexa de mediações que, por sua vez, encontram-se em constante desenvolvimento e ramificam-se cada vez mais no curso da evolução social. Porém, na condição de objetos da vida cotidiana, encontram-se sempre dispostos. (LUKÁCS, 1966, p. 44)

ciência se dedica parte dela e, em decorrência disso ela, através de um caminho tortuoso, se enriquece constantemente com a aplicação dos resultados e métodos científicos. Já havíamos reconhecido a existência de interação entre as esferas aqui consideradas, mas é importante destacar que existem diferenças qualitativas em seus reflexos da realidade. O reflexo científico desprende-se do homem com muito mais facilidade, o que é necessário ao cumprimento de sua função social. A arte, por sua vez, também apresenta diferenças em relação ao pensamento próprio da vida cotidiana, com o mesmo propósito.

A imediatez característica da vida cotidiana, segundo Lukács, se revela no seu materialismo espontâneo, o que atribui ao processo de trabalho.

Todo análisis serio y algo libre de prejuicios tiene que mostrar que el hombre de la vida cotidiana reacciona siempre a los objetos de su entorno de un modo espontáneamente materialista, independientemente de cómo se interpreten luego esas reacciones del sujeto de la práctica. Este hecho se sigue sin más de la esencia del trabajo⁵¹. (LUKÁCS, 1966, p.46)

O materialismo espontâneo assim definido revela um ponto forte, característico da peculiaridade do pensamento próprio da vida cotidiana: nenhuma concepção de mundo, por idealista que seja, impede o funcionamento dessa espontaneidade; “ni el más fanático berkeleyano⁵², cuando al cruzar la calle evita un automóvil o espera que éste pase, tiene la sensación de estar entendiéndoselas con su propia representación” (LUKÁCS, 1966, p.48, nota de rodapé nossa).

Em contraposição a isso, outra peculiaridade: as consequências do materialismo espontâneo para visões de mundo já fixadas tendem a ser escassas ou nulas. “Con toda la comodidad, sin que la contradicción llegue siquiera a aflorar subjetivamente, puede coexistir en la consciencia humana con representaciones idealistas, religiosas, supersticiosas, etcétera.” (LUKÁCS, 1966, p.48)

⁵¹ Todo trabalho pressupõe um conjunto de fatores capazes de determiná-lo e a consciência humana recebe isso espontaneamente, como entidades que existem e funcionam independentemente dela.

⁵² Referente a George Berkeley, filósofo idealista irlandês.

As peculiaridades do pensamento próprio da vida cotidiana que acabamos de descrever estão presentes, de acordo com o texto, são peculiaridades ontológicas. Ou seja, independentemente do período de desenvolvimento histórico do ser social, fazem-se presente como uma espécie de fio condutor, uma razão de ser que caracteriza o pensamento em questão. O materialismo espontâneo dos homens primitivos, para Lukács, se estende a fenômenos que em essência são de natureza consciente mesmo quando de sua observação decorrem explicações espirituais, gerando uma certa homogeneidade pela ausência de fronteiras que permitam separar verdade e a aparência.⁵³ No curso da evolução social do homem essa falsa unificação tende à diminuição, mas continua lá.

Analisando o mesmo atributo, desta vez no homem moderno, Lukács percebe que a diferença reside no fato de suas superstições virem acompanhadas de uma aceção estreita. Esta se constitui, de acordo com o autor, em um meio onde não mais se verifica a falsa unidade e assim, verdade e aparência são captadas pelo ser social como instâncias distintas. Nesta relação o aparente caracteriza-se enquanto um produto da consciência subjetiva e não como expressão da realidade objetiva, cuja existência é independente do ser. À linha evolutiva essencial que liga os dois momentos - o homem primitivo e o homem moderno - de ser do ser social, Lukács denomina cultura.

Pero esa evolución no es posible sino porque el pensamiento humano supera la inmediatez de la cotidianidad en el sentido dicho, o sea, porque se supera la conexión inmediata entre el reflejo de la realidad, su interpretación mental y la práctica, con lo que conscientemente se inserta una serie creciente de mediaciones entre el pensamiento - que así llega a ser propiamente teórico - y la práctica. (LUKÁCS, 1966, p.50)

Para o autor é justamente esse ato de superação que abre o caminho do materialismo espontâneo rumo ao materialismo filosófico, o qual surge historicamente na Antiguidade grega, em que fica evidente o começo da separação definitiva entre materialismo e idealismo.

54

⁵³ LUKÁCS, György. Estética: cuestiones preliminares y de principio. Grijalbo: Barcelona, 1966, p. 49.

⁵⁴ Ibidem, p. 50.

Neste ponto é interessante lembrar o que dissemos a respeito do princípio da visão social que Lukács extrai do pensamento de Marx, pois mais uma vez ele parte de um estágio consolidado de desenvolvimento do ser social em busca dos vestígios de sua constituição anterior. Assim, encontra no materialismo filosófico os limites do materialismo espontâneo primitivo: ele existe em uma época que ainda não conhece sua contraposição, o idealismo. De acordo com o texto, é na luta contra a concepção idealista que o materialismo filosófico surge como tentativa de explicar todos os fenômenos a partir das leis da transformação da realidade enquanto algo separado da consciência.⁵⁵

Cada passo dado pelo materialismo enquanto concepção de mundo é na direção oposta das considerações próprias da cotidianidade imediata, onde Lukács nota uma atividade científica incipiente no que diz respeito às causas não evidentes dos fenômenos e sua dinâmica - causas também do surgimento dos costumes e tradições. Os próprios limites do reflexo científico assim formado produzem um retorno ao pensamento cotidiano, deixando evidente que a elaboração de tal reflexo é imprescindível para o desenvolvimento da cultura da cotidianidade.

Passemos agora à investigação da categoria analogia. Sabemos que trata-se de uma das formas originárias e dominantes de maior importância para o pensamento próprio da vida cotidiana. Lukács (1966, p. 53) apoia-se nas proposições de Hegel e tece algumas observações nesse sentido: primeiro percebe sua vinculação aos momentos de gênese do pensamento; percebe, ainda, que a analogia nasce e aplica-se a casos em que é impossível alcançar o esgotamento de todas as singularidades a respeito de um dado fenômeno. Ou seja, existe inicialmente na ausência do método indutivo e de um raciocínio apriorístico. Hegel ainda apela para a necessidade de distinção entre duas formas de analogia, superficial e profunda, e entende que dita categoria alcança plena fertilidade na medida em que a ciência delimita e isola uma gama de determinações.

Lukács encontra assim a peculiaridade da analogia: sua forte relação com o pensamento da vida cotidiana.⁵⁶ A alusão de Hegel a seu uso superficial indica não apenas um caráter genérico, mas marca a possibilidade de valer-se dele. Assim, ela é decisiva em épocas

⁵⁵ Ibidem, p. 51.

⁵⁶ Ibidem, p. 54.

primitivas, pois sobressai em relação a outras esferas do ser. O autor observa os mesmos efeitos na vida do homem moderno e conclui que

Cuanto más enérgicamente actúa la conexión inmediata de teoría y práctica, que ya hemos subrayado, cuanto más próximas están en la consciencia de los hombres, tanta mayor es la eficacia de la analogía. Pues en tales situaciones el reflejo inmediato de la realidad suministra una serie de rasgos, notas características, etc., de los objetos que, a falta de investigación exacta, presentan llamativos parecidos. (LUKÁCS, 1966, p.54-55)

A analogia, imediatamente posicionada, consiste em unir apertadamente esses traços - adensando-os com a força da generalização verbal - e obter deles consequências imediatas. Este é, para Lukács, o comportamento típico do homem na cotidianidade. A ciência adentra em sua vida eliminando todos esses curto-circuitos, mas, ainda que sua influência sobre ela torne-se cada vez maior, a estrutura do ser permanece a mesma. Nas margens dos hábitos determinados pela visão da científica ele se depara com um horizonte de fenômenos subjetivamente insolucionáveis, fonte de analogias e inferências analógicas. O autor expõe que o que entendemos por conhecimento do homem consiste em uma aplicação espontânea de analogias. Ele chama atenção para as considerações de Goethe a respeito de tais manifestações:

Considero que las comunicaciones mediante analogías son tan útiles cuanto agradables: el caso análogo no se impone autoritariamente, no pretende probar nada; se pone en paralelo con otro sin fundirse con él. Un grupo de casos análogos no se unifica en una serie cerrada: son como una buena reunión, que siempre estimula, más que dar (GOETHE Ibidem LUKÁCS, 1966, p.56).

Ao prosseguir então com suas considerações, Lukács encontra na vida cotidiana a origem da analogia como categoria - e também de suas implicações - capaz de expressar adequadamente a relação entre cotidianidade e realidade, a natureza de seu reflexo e sua imediata conversão em prática; podendo preceder inclusive a necessidades imediatas. Isso

justifica, para o autor, a duplicidade do caráter analógico; por um lado é nada apodítico e, por outro, pode ser compreendido conceitualmente, experimentalmente, etc.⁵⁷

Outra visão que toma de Goethe sobre a posição da analogia no reflexo da realidade é a de que cada existente é um análogo de tudo que existe e que, por isso, a existência se apresenta simultaneamente separada e unida. Lukács sugere que os passos goethianos indicam o modo como a captação do mundo sob a forma de analogias pode levar ao reflexo estético. Isso porque, como vimos, a analogia não pretende substituir a realidade. Assim, ao invés de analisá-la em busca de critérios de verdade, o autor baseia-se na verossimilhança.

No ponto de vista geral do qual Lukács parte para caracterizar o cotidiano, vimos que as três formas de reflexo - científico, estético e o próprio da vida cotidiana - refletem a mesma realidade objetiva, apesar de diferirem em conteúdo e forma de refiguração. A isso adicionamos agora uma outra visão: para Lukács, o reflexo da mesma realidade acarreta a necessidade de que se trabalhe em todos os campos com as mesmas categorias, uma vez que essas são as formas constantes e gerais da própria realidade objetiva. E seu reflexo, portanto, só é adequado quando sua refiguração na consciência contém também essas formas como princípios formadores do conteúdo refletido.⁵⁸

Outra característica do pensamento próprio da vida cotidiana Lukács descobre ainda na análise da analogia enquanto categoria; todas as categorias que partem da cotidianidade possuem uma História objetiva, porque pressupõem determinado estado de evolução do movimento da matéria. Também possuem uma história subjetiva, relativa ao seu descobrimento pela consciência humana.

Até agora vimos Lukács balizar suas considerações a respeito das características da vida cotidiana e seu pensamento tendo como parâmetro o complexo categorial do trabalho. Vejamos agora como a peculiaridade do pensamento cotidiano pode ser verificada na análise da linguagem segundo o texto. Esta última, junto ao trabalho, figura como fator fundamental da vida cotidiana e também possui caráter de objetivação. Na cotidianidade a linguagem consiste em um sistema complexo de mediações com o qual o sujeito interage de modo imediato.⁵⁹ Assim, toda palavra, por mais corrente que seja, consiste em uma síntese de fenômenos diversos. Nela fixam-se, conforme explicitado na *Estética* (1966, p. 59),

⁵⁷ Ibidem, p. 55.

⁵⁸ Ibidem, p. 56.

⁵⁹ Ibidem, p. 58.

determinadas notas dos objetos que nos permitem afirmar, através do nome, que o que se denomina é algo único no mundo, diferente de todas as outras coisas, que carregam também outros nomes. Lukács, desta forma, entende que o processo de formação das palavras envolve a superação abstrata de diferentes percepções particulares, postas em movimento na forma de analogias até que se obtenha uma síntese.

Cabe destacar que, para o autor, não importa o nível de evolução da linguagem. Porque esta, em qualquer nível - palavra, oração, sintaxe, etc. - é recebida na cotidianidade como algo imediato. Sua origem a partir das necessidades do trabalho serve para torná-lo mais simples e eficiente, por eliminar diferenças individuais únicas e por acentuar e fixar o que é comum⁶⁰. Lukács verifica em seu processo de fixação uma diferença entre ser social e seres animais: no caso do homem é possível perceber a linguagem como algo vivo, por conservar em todo o curso da evolução social o caráter de motor e “movido”⁶¹. Mesmo em estágios primitivos a fixação de objetos através da palavra eleva a intuição e a representação ao nível conceitual.

Así surge paulatinamente un paso-a-consciencia de la dialéctica del fenómeno y la esencia; cierto que ello ocurre al principio de un modo inconsciente, y eso durante mucho tiempo, pero la significación de la palabra, nunca completamente rígida, el cambio de sentido de las palabras usadas, indica que la síntesis y la generalización intelectuales de las propiedades sensibles en la palabra tiene necesariamente un carácter fluido, determinado por la evolución social. (LUKÁCS, 1966, p.60)

Vimos, ao abordar a relação entre ciência e indústria, a existência de obstáculos sociais capazes de interferir na recepção de algumas formas apuradas de reflexo pelo homem em sua cotidianidade. A tendência à imobilidade da linguagem, sugere o autor (1966, p. XX), deve ser encarada da mesma maneira: jamais um atributo psíquico do ser, mas uma manifestação característica de um dado período histórico e, portanto, passível de superação. Quando essa tendência demonstra-se um obstáculo insuperável encontramos remanescentes econômico-sociais já superados em relação ao modo de produção da vida hegemônico em

⁶⁰ Ibidem, p. 60.

⁶¹ Optamos por manter em espanhol a palavra movido, como forma de preservar o sentido duplo da linguagem em relação a sua interação com outras formas de ser do ser social (LUKÁCS, 1966, p. 60)

uma determinada temporalidade, mas conservados na nova formação. Vemos, assim, o fundo social geral que constitui possíveis forças conservadoras.

Segundo Lukács a linguagem também é capaz de revelar uma contradição da vida cotidiana: por um lado, coloca ao alcance do sujeito o mundo externo e interno propriamente humanos; por outro lado, inviabiliza a recepção sem prejuízo do mundo externo e interno. A dialética aí presente complica-se pelo fato da rigidez da linguagem figurar na vida cotidiana junto a sua forma fluida e mutável. O desafio da ciência, afirma Lukács (1966, p. 62), consiste em superar essa segunda tendência ao mesmo tempo em que também propõe-se a desafiar seus traços de rigidez. A história da ciência revela ao autor essa dupla tendência que a coloca, também, como força conservadora. Esse fenômeno relaciona-se, sobretudo, com o desenvolvimento das forças produtivas e, em consequência, com a capacidade de investigação proporcionada pela ciência da realidade objetiva. As limitações do saber assim adquirido podem dar lugar a cristalizações rígidas na formação científica de conceitos e, ainda, na linguagem científica.

No exposto até aqui Lukács observa novamente a manifestação da interação entre cotidiano e ciência, em que a rigidez e a fluidez determinantes no pensamento cotidiano penetram no reflexo científico da realidade e em sua expressão linguística. Estes elementos também se fazem presentes, de acordo com o texto, no que tange o reflexo estético. O autor observa na linguagem poética uma tendência à superação dessas duas características, que são, também, elementos da vida cotidiana.

É importante destacar o caráter duplo de tal superação em sua relação com a arte e a ciência, como o faz Lukács (1966, p. 63), evitando assim a distribuição de papéis estritos a cada um em detrimento de suas respectivas funções sociais. Desta forma, evitamos delegar separadamente à ciência a exatidão e à poesia a superação da rigidez no âmbito da linguagem.

A estrutura dinâmica da linguagem na cotidianidade, entre a rigidez e a fluidez, traz consigo os traços essenciais e gerais da prática humana, uma vez que

Los hombres, actuando por reacción y con finalidades inmediatas en la vida cotidiana en general, y sobre todo en sus estadios primitivos, producen una instrumentalización material e intelectual que lleva en sí más de lo que los hombres han puesto inmediata y conscientemente en ella; las acciones inmediatas de los hombres sacuden entonces ese

complejo instrumental de tal modo que lo que en él estaba antes implícito se hace explícito, y las acciones van más allá de lo directamente deseado. (LUKÁCS, 1966, p. 63)

Segundo Lukács (1966, p. 64) isso ocorre em virtude da interação entre as dialéticas objetiva e subjetiva; a primeira, aponta, tem como reflexo a segunda e é sempre mais complexa que ela e, inclusive, capaz de superar suas finalidades imediatas. E assim, em consequência, as tendências promotoras do conhecimento predominam; quando isso não ocorre a formação de que se trata está condenada à decadência.

Para o autor, Leibniz é o pensador que melhor percebe e caracteriza a instrumentação criada pelas formas de atividade humanas. O filósofo alemão, ao entrar em uma polêmica com Bayle, expôs a relatividade e entrelaçamento das ideias confusas e as ideias distintas, atribuindo ambas à ação de homens inteiros. Assim, Lukács identifica outra característica essencial da vida cotidiana: nela nos deparamos sempre com o homem inteiro em suas ações e reações. Desta forma, é possível superar ao mesmo tempo, através da dialética, o reflexo mecânico da realidade recebido do materialismo metafísico. É superada, ainda, a divisão do homem em suas forças físicas e psíquicas.

A respeito disso o autor (1966, p. 68) traz à tona a visão de Marx, que vê em tal distinção uma forma de alienação, uma vez que a separação abstrata entre as necessidades fisiológicas humanas e suas demais atividades converte as primeiras em fins últimos da existência e os homens, assim, não diferenciam-se dos demais animais. Marx percebe aí as marcas históricas da sociedade burguesa na autoprodução dos seres sociais, sociedade esta que produz, além de exploração, as bases de uma sociabilidade alternativa, depositada no futuro.

O texto discorre, ainda, sobre a dialética histórico-social que permeia a contradição entre a cotidianidade, ciência e arte. Essas formas do ser se manifestam em situações concretas, histórica e socialmente condicionadas, a partir das quais é possível ao pensamento cotidiano negar ou aceitar. Mesmo assim, a resistência do pensamento cotidiano às formulações de uma determinada ciência não perde seu caráter imediato. Com isso não seria possível, através apenas do reflexo da cotidianidade, ir além da negação. Para o autor (1966, p. 76), a superação de uma ciência (ou de uma arte) que não mais atende às

necessidades da vida apenas nasce de tal negação; desta, porém deve ser gerada uma nova forma de ciência, ou seja, é necessário abandonar mais uma vez o terreno da vida cotidiana.

Com esta consideração, encerramos nossas considerações naquilo que tange a caracterização geral do pensamento cotidiano na *Estética*. Apesar disso, podemos perceber que exemplos relativos à vida cotidiana continuam sendo utilizados de maneira concreta na obra do autor, principalmente ao tratar questões relativas à antropomorfização e desantropomorfização. Suas formulações teóricas que iniciam-se no ciclo dialético através do trabalho passando, posteriormente, pela linguagem e terminam na arte e na ciência, de onde parte.

5. Considerações Finais

Como foi combinado na introdução desta monografia, o espaço dedicado às considerações finais objetiva, em primeiro lugar, demonstrar alguns caminhos que podem ser trilhados a partir do estudo aqui desenvolvido. Na redação deste trabalho, a preocupação central não residiu em trazer respostas prontas acerca dos problemas da vida cotidiana expressos por Lukács, da discussão metodológica que entende a narrativa biográfica e autobiográfica como fontes de pesquisa e, menos ainda, do papel *formador* nelas presente; bem como a presença dele também nas utopias político-educacionais.

Em virtude do curto tempo de tessitura do trabalho e da percepção de que a graduação não se encerra em um espaço circunscrito de matérias que, após a entrega do grau, congela-se os afetamentos das mesmas na vida posterior entendemos o trabalho de conclusão de curso, principalmente, como um momento em que se abrem novos caminhos. Entretanto, como esta última parte intitula-se *Considerações Finais*, façamos, então, algumas.

No primeiro capítulo foi possível perceber como a narrativa autobiográfica articula-se em uma espécie de percurso formativo. Isso fica ainda mais claro quando observamos a relação da vida universitária e o papel das utopias político-educacionais neste percurso. Na tentativa articular de maneira mais concreta a chave de análise proposta por Pacievitch (2014) com o percurso trilhado por mim na graduação, fica evidente também que, apesar destes elementos se fazerem presentes nas relações de professor/aluno, orientações e

disciplinas, é no enxergar uma possibilidade de vir-a-ser diferente no cotidiano - e isto se dá de maneira singular em cada sujeito - que estas utopias são preenchidas de sentido pelo aluno.

Abordando a relação entre *vida e obra* de Lukács fica evidente a impossibilidade de se conceber um conhecimento científico como “neutro”. Tal constatação, apesar de se fazer presente em diferentes correntes epistemológicas como o historicismo e o marxismo, é necessária de ser feita no momento em que a liberdade de ensinar e produzir conhecimento é cerceada pelo movimento *Escola sem Partido*. Nesta relação, fica evidente que um movimento de pesquisa, autoral, original, como o realizado por Lukács em sua vida nasce de uma inquietação, um *problema*. O problema, por sua vez, precisa ser enxergado pelo autor. O matiz que ele vai tomar, as questões que a ele são inquiridas dependem, deste modo, das lentes teóricas por ele utilizadas, que garantem diferentes perspectivas sobre o objeto de análise. Tomemos como exemplo a questão estética, sempre presente no pensamento de Lukács: o tratamento do problema em *A Alma e as Formas*, *O Romance Histórico* e a *Estética* varia, apesar do objeto ser o mesmo. Não podemos creditar isso apenas a algum tipo de “evolução” no pensamento do autor. Pelo contrário. Percebemos, no segundo capítulo, que as variações se encontram imbricadas com os referenciais teóricos por ele adotados e com os acontecimentos que permearam sua vida. Sua trajetória cristaliza-se no argumento da impossibilidade da neutralidade.

Em *O Cotidiano na Estética* pudemos perceber a originalidade no tratamento do cotidiano pelo autor. Na época da redação da *Estética*, o objeto já era considerado heterodoxo pela epistemologia vigente. Apesar disso, podemos perceber que Lukács mergulha profundamente em uma tentativa de caracterizar o pensamento advindo da vida cotidiana e, através dele, delinear os principais contornos desta maneira particular do ser social fazer-se objetivamente no mundo. Além disso, a investigação rigorosa do texto levou-nos a perceber, também, a particularidade na forma de operar metodologicamente os conceitos e categorias estudadas remontando, ao mesmo tempo, à gênese e ao desenvolvimento histórico de cada um. Após reiterar toda a riqueza e coerência presente na obra, aproveito o espaço para realizar uma outra consideração: considero que, após a leitura deste trabalho, a curiosidade do leitor a respeito de György Lukács deve convidá-lo a mergulhar em sua obra.

Falemos agora um pouco sobre os caminhos que podem ser trilhados a partir daqui.

O primeiro deles diz respeito à área na qual estou me formando: a História. Nas reflexões sobre o cotidiano realizadas por Lukács podemos perceber alguns elementos

fundamentais para a compreensão de sua filosofia da História. É na vida cotidiana que se fazem presentes as objetivações mais imediatas e, também, os desafios que nos guiam até outras formas de nos relacionarmos com o mundo, como a ciência e a arte. Neste emaranhado, as razões estabelecidas partem de uma relação dialética entre casualidade (necessidade) e teleologia (liberdade) que, ao longo do tempo, constituem diferentes modos de ser, pensar e agir em sociedade. Aqui, abrem-se as portas em dois sentidos: um deles é a investigação sobre como o autor enxerga a *História*; o outro parte da pesquisa sobre o papel do homem comum, do cotidiano, das situações corriqueiras como elementos constituintes de acontecimentos passíveis - através desta ótica - de ser pesquisados. De certa maneira, Agnes Heller tenta dar continuidade a esta discussão em *O Cotidiano e a História*, abordando a gênese de diversos processos através do cotidiano.

Outro caminho que pode se abrir reside no pensar o cotidiano e a vida cotidiana em sua relação com a Educação. Se, de acordo com Lukács, o reflexo científico acaba sempre retornando à cotidianidade e se constituindo como parte fundamental dela nesta viagem de volta, devemos nos perguntar pelo caminho contrário. É possível, partindo da cultura cotidiana, dos reflexos nela produzidos, realizar o caminho inverso, chegando até as objetivações científicas?

É possível observar também como a perspectiva sobre o cotidiano de György Lukács pode ser relacionada com as investigações atuais que pautam o cotidiano e sua relação com a educação no Brasil. A perspectiva destas pesquisas atualmente leva à ampliação de trabalhos dedicados ao tema do cotidiano escolar “através da compreensão das relações que mantêm entre si os múltiplos cotidianos em que cada um vive, em especial considerando os artefatos culturais com os quais os praticantes desses cotidianos tecem essas relações” (ALVES,2003). Além disso, a visão dos *Estudos Culturais* contribuiu no sentido de perceber como, no desenvolvimento das ciências, os cotidianos foram vistos como objetos menores, fator que dificulta até hoje as investigações no campo em virtude dos aparatos teórico-epistemológicos criados pela própria ciência através das seleções que foram sendo realizadas historicamente.

O acúmulo adquirido sobre o pensamento de Lukács juntamente com a observação do panorama das pesquisas sobre o cotidiano em sua relação com a escola pode nos levar a investigar as relações que podem ser tecidas entre cotidiano, reprodução do ser social e educação na obra do autor. Além disso, a investigação comparativa das concepções de

cotidiano e seus afetamentos na educação desenvolvidos por pesquisas atuais na área e o pensamento de Lukács no sentido de trazer novos matizes para se enxergar o tema.

Existindo concordância ou não com os pensamentos expostos pelo autor, não podemos deixar de enxergar sua importância intelectual ao longo do século XX. Um depoimento de Ernst Fischer nos ajuda a finalizar o texto pensando nestas questões:

Sabes que isto é interessantíssimo! - assim ele abre a conversa. E, a partir de então, é capaz de falar horas e horas sobre um tema filosófico, político ou literário, e de forma mais viva, plástica e brilhante do que quando escreve. Lukács é um dos maiores marxistas do nosso tempo, é um grande caráter. Admiro-o como mestre, aprecio-o pessoalmente e divirjo de muitas das suas teses estéticas. (FISCHER Apud. Netto, 1984, p. 93)

6. Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 62-74, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORDIN, João Gabriel Vieira. Lukács, a comuna húngara e o marxismo: considerações sobre um intelectual burguês que se torna revolucionário. In: **IV Simpósio de Lutas Sociais na América Latina**, 4, 2010. Londrina.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**; artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHASIN, José. **Marx: Estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

COSTA, Lúcia Cortes. A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento lukacsiano; **Revista emancipação**, v. 1, n. 1, 2001.

DESLANDES, S. F.. **A construção do projeto de pesquisa**. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org).Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003. p.31-50.

DELEUZE, Gilles. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992b.

FREDERICO, Celso. Cotidiano e arte em Lukács. **Estud. av.**, São Paulo , v. 14, n. 40, p. 299-308, Dec.2000

GAJANIGO, Paulo Rodrigues. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 1-4.

GOLDMANN, Lucien. **Lukács y Heidegger**: Hacia una filosofía nueva. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e História**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

Löwy, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 2015.

LUKÁCS, György. **Estética**: Questiones preliminares y de principio. Ediciones Grijalbo: Barcelona, 1966.

_____. **Para uma Ontologia do Ser Social - volume 2**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **O Romance Histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **Introdução a uma estética marxista**; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUSSE, Ricardo. Antes de História e Consciência de Classe. **Estudos Avançados**, 27 (28), 2013. p. 291-300.

NETTO, José Paulo. **Lukács: o Guerreiro sem Repouso**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1984, p. 83.

PACIEVITCH, Caroline. Utopia e responsabilidade docente: formação de professores de História. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos (Colombia)**, vol 10, num 1, enero-junio, 2014, p. 87-112. Universidad de Caldas Manizales, Colombia.

PACIEVITCH, C; CERRI, L. F. Guerrilheiros ou sacerdotes? Professores de história, consciência histórica e construção de identidades. **Pró-posições**, vol 21, num 2(62), 2010, p. 163-183. Campinas.

SOARES, Maria da Conceição Silva. Pesquisas com os Cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 731-745, jul./set. 2013.

TERTULIAN, Nicolas. Lukács e o stalinismo. **Verinotio - Revista On-line de Educação e Ciências Humanas**. Nº 7, Ano IV, Novembro de 2007, p. 1-40.